



**Centro Universitário de Brasília  
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

**SÍGLIA MEIRELLES BOLDO**

**ENVELHECIMENTO E SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA:  
UMA LEITURA PSICANALÍTICA**

Brasília  
2013

**SÍGLIA MEIRELLES BOLDO**

**ENVELHECIMENTO E SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA:  
UMA LEITURA PSICANALÍTICA**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* na área de Teoria psicanalítica.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ciomara Schneider

Brasília  
2013

**SÍGLIA MEIRELLES BOLDO**

**ENVELHECIMENTO E SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA:  
UMA LEITURA PSICANALÍTICA**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* na área de Teoria Psicanalítica

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ciomara Schneider

Brasília, 16 de julho de 2013.

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>ª</sup> Ma. Ciomara Schneider

---

Prof<sup>ª</sup> Ma. Maria Leonor Sampaio Bicalho

---

Prof<sup>º</sup> Dr. Gilson Ciarallo

**Dedico esse trabalho a meu esposo Plínio,  
companheiro de todas as horas.**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, queremos agradecer a Deus, que nos deu coragem para chegar até aqui.

À Profª Ciomara Scheneider, pela preciosa orientação e estímulo indispensáveis à execução deste trabalho.

Ao Prfº Gilson Ciarallo que soube como ninguém ministrar os conhecimentos de metodologia necessários à execução deste trabalho.

A todos os professores da Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, pelos excelentes ensinamentos.

A minha amiga-irmã, Déa, pelos conselhos, carinho, sensibilidade. Obrigada pelas sugestões valiosas que muito engrandeceram este trabalho.

Aos companheiros do Grupo de Pesquisa pelas importantes contribuições oferecidas e em especial ao Profº Marcos Abel pela confiança e incentivo.

A meus companheiros do Grupo Longevidade com seu exemplo de vida inspiraram este trabalho. Em especial à querida Inalda que com sua alegria contagiante foi um exemplo para todos os que conviveram com ela.

Aos meus filhos e noras e a minha netinha adorada que me possibilitam ter um envelhecimento psiquicamente saudável através do investimento afetivo e da atividade relacional.

Em especial, quero externar minha profunda gratidão e dedicar este trabalho ao meu esposo, amigo e companheiro de todas as horas, pelo apoio e incentivo constantes.

*Retrato*

*Eu não tinha este rosto de hoje,  
assim calmo, assim triste, assim magro,  
nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo.*

*Eu não tinha estas mãos sem força,*

*Tão paradas, e frias e mortas;*

*eu não tinha este coração*

*que nem se mostra.*

*Eu não dei por conta desta mudança*

*tão simples, tão certa, tão fácil*

*Em que espelho ficou perdida*

*a minha face?*

*Cecília Meirelles (1939, p.21)*

## RESUMO

O tema abordado no trabalho refere-se ao envelhecimento e subjetividade contemporânea: uma leitura psicanalítica. O presente estudo objetivou investigar a influência da cultura do narcisismo sobre a rejeição e o temor de envelhecer; se os idosos se deixam levar pela influência da mídia que preconiza o mito da eterna juventude; a sua relação com as experiências corporais impostas e quais as repercussões psicossociais desta adesão; se os idosos rejeitam a sua realidade diante do temor do envelhecimento e qual é o lugar do idoso na sociedade contemporânea. O percurso do pensamento que foi utilizado para a elaboração deste trabalho procurou responder a questões ligadas à subjetividade contemporânea, mais precisamente a forma como a sociedade voltada para a cultura do narcisismo percebe o envelhecimento no mundo contemporâneo. Esta é uma pesquisa teórica de inspiração psicanalítica, com acréscimo de vivência prática, fragmentos da convivência com pessoas da terceira idade. Na parte teórica aprofundamos a pesquisa através dos conceitos de corpo, contemporaneidade, narcisismo, estágio do espelho, subjetividade, gozo, envelhecimento psíquico, entre outros. Para tanto, buscou-se as ideias de Sigmund Freud, Jacques Lacan, bem como de outros autores psicanalíticos. Contamos também com as contribuições de autores contemporâneos tais como os filósofos Simone de Beauvoir, Michel Foucault, o sociólogo Zygmunt Bauman, entre outros. Na discussão foram utilizadas seis categorias escolhidas de acordo com o resultado das conversas informais que tivemos com os idosos, a saber: psiquismo saudável no envelhecimento; dependência psíquica no envelhecimento; revivências das relações amorosas no envelhecimento; dificuldades em lidar com o envelhecimento; modos de gozo da sociedade contemporânea; preconceito. A análise dos resultados mostrou que esse público prioriza comportamentos consequentes para uma vida mais saudável e integrada, dando importância ao binômio mente e corpo, embora ainda haja influência da cultura do narcisismo sobre a rejeição e o temor de envelhecer. Também se percebeu que a mídia exerce ascendência sobre uma pequena parcela dos idosos. Notamos, do mesmo modo que a sociedade necessita se adequar à terceira idade. Concluímos que as opiniões dos idosos nos ajudam a pensar que existe outro modo de ser e estar neste mundo contemporâneo, um modo de ser que valoriza a autonomia, as diferenças, a diversidade de escolhas, a criatividade e a responsabilidade por atos e preferências.

Palavras-chave: Subjetividade. Contemporaneidade. Envelhecimento. Narcisismo. Gozo.

## ABSTRACT

The theme addressed in the paper refers to aging and contemporary subjectivity: a psychoanalytic reading. The present study aimed to investigate the influence of the culture of narcissism about rejection and fear of aging, if the elderly are led by the influence of the media calls the myth of eternal youth: his relationship with the body experiences imposed and which the psychosocial effects this accession if the elderly reject your reality because of fears of aging and what is the place of the elderly in contemporary society. The route of thinking that was used for the preparation of this study sought to answer questions related to contemporary subjectivity, more specifically, the way society dedicated to the culture of narcissism perceives aging in the contemporary world. This is a theoretical research of psychoanalytic inspiration, an increase of practical experience, fragments of living with the elderly. In the theoretical part we deepen the research through the concepts of body, contemporary, narcissism, mirror stage, subjectivity, enjoyment, mental aging, among others. Therefore, we sought the ideas of Sigmund Freud, Jacques Lacan, as well as other psychoanalytic authors. We also have contributions by contemporary philosophers such as Simone de Beauvoir, Michel Foucault, the sociologist Zygmunt Bauman, among others. In the discussion we used six categories chosen according to the result of informal conversations we had with the elderly, namely healthy psyche in aging, psychic dependence on Aging; reliving of relationships in aging, difficulties in dealing with aging; modes of enjoyment of contemporary society; prejudice. The results analysis showed that this public prioritizes behaviors consequent to a healthier and more integrated life, giving importance to the binomial mind and body, although there still is influence the culture of narcissism about rejection and fear of aging. It was also noticed that the media exerts influence over a small portion of the elderly. We noted, in the same way, that society needs to adapt to the elderly. We conclude that the older people's opinions help us to think that there is another way of being and living in this contemporary world, a way of being that values autonomy, the differences, the diversity of choices, creativity and responsibility for actions and preferences.

Keywords: Subjectivity. Contemporaneity. Aging. Narcissism. Enjoyment.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CORPO</b>	<b>13</b>
1.1 A questão do corpo pela história da humanidade	13
1.2 A educação dos corpos – a educação física	16
<b>2 UM OLHAR SOBRE A CONTEMPORANEIDADE</b>	<b>21</b>
2.1 Corpo e subjetividade	21
2.2 Gênero e envelhecimento	22
2.3 Subjetividades contemporâneas	23
<b>3 CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE</b>	<b>27</b>
3.1 Freud e o narcisismo – a invenção da subjetividade	27
3.2 Lacan e a gênese do eu	30
3.3 O estádio do espelho – os outros em Lacan	31
3.4 O que é corpo para a Psicanálise?	34
3.4.1 A ótica lacaniana: três dimensões no corpo – Imaginário, Simbólico e Real	35
3.4.2 O corpo – lugar do gozo	36
<b>4 A VELHICE</b>	<b>39</b>
4.1 O velho, esse outro – o susto ao espelho	39
4.2 O fenômeno do envelhecimento	41
4.3 A morte – futuro de todos nós	43
4.4 Sexualidade - vida na terceira idade	45
4.5 Envelhecimento psíquico	48
<b>5 ARTICULAÇÃO ENTRE CONTEMPORANEIDADE E PSICANÁLISE</b>	<b>52</b>
5.1 Psiquismo saudável no envelhecimento	52
5.2 Dependência psíquica no envelhecimento	53
5.3 Revivências das relações amorosas no envelhecimento	54
5.4 Dificuldades em lidar com o envelhecimento	55
5.5 Modos de gozo da sociedade contemporânea	56
5.6 Preconceito	58
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>65</b>

## INTRODUÇÃO

Na atualidade, constata-se uma preocupação com a compreensão do “fenômeno corpo”. Seu significado e uso que se faz a partir desta significação, tornam-se visíveis entre os vários setores da sociedade. Artigos, pesquisas, entrevistas corroboram com esta afirmativa, uma vez que tentam problematizar e entender as diversas razões que contribuem para a construção deste conceito nas diversas faixas etárias. Estes fatores poderiam estar a serviço de uma repressão sutil utilizada pela sociedade ou se seria uma forma de libertação social?!

Um contexto em que se assegura ao indivíduo se constituir a partir do que a mídia e a indústria do corpo preconizam, quem estaria a salvo?! No entanto, estudos realizados apresentam indicadores de que elementos da sociedade pensam e agem diferentemente desta expectativa: buscam ter um corpo saudável e não necessariamente estão atrás de um corpo perfeito. Motivação maior seria o interesse pela saúde. A conquista de uma vida plena e integrada, equilíbrio e harmonia, autonomia para pensar e agir seriam quesitos primordiais para atingir tal objetivo. Seria outro modo de ser e estar neste mundo contemporâneo, um modo de ser que valoriza as diferenças, a diversidade de escolhas, a criatividade e a responsabilidade por atos e preferências.

Tentando contribuir para o avanço do assunto, neste trabalho priorizou-se investigar a influência da cultura do narcisismo sobre a rejeição e o temor de envelhecer baseado nos pressupostos psicanalíticos. Os idosos se deixam levar pela influência da mídia que preconiza o mito da eterna juventude? Qual a sua relação com as experiências corporais impostas e quais as repercussões psicossociais desta adesão? Os idosos rejeitam a sua realidade diante do temor do envelhecimento e qual é o lugar do idoso nessa sociedade contemporânea?!

Esta é uma pesquisa teórica de inspiração psicanalítica, com acréscimo de vivência prática, fragmentos da convivência com pessoas da terceira idade. Para tanto, buscou-se as ideias de Sigmund Freud, acrescidas da visão de autores pós-freudianos, especialmente

Jacques Lacan, que dialogam com as opiniões de autores contemporâneos como os filósofos Simone de Beauvoir, Michel Foucault, o sociólogo Zygmunt Bauman, além de outros autores contemporâneos estudiosos da contemporaneidade. Seus estudos possibilitam a tentativa de explicar como o corpo se constitui e como gera o mal-estar contemporâneo: a insatisfação com o próprio corpo e a relação com o ser aceito, comuns em todas as idades.

Embora vários autores tenham se dedicado ao estudo do tema em questão, consideramos que a Psicanálise pouco se envolveu com o assunto do envelhecimento. Uma possível hipótese seria o fato de Freud ter se mostrado contrário à aplicabilidade do método psicanalítico em pacientes de muita idade por várias razões, entre elas, a carência de plasticidade dos processos anímicos, o acúmulo de material nos idosos e, em consequência, a duração excessiva do tratamento e o término que coincidiria com um período da vida que as pessoas não dão o devido valor à saúde mental. (FREUD, 1898/1996, 1905/1996) Mesmo nos dias atuais ainda se percebe alguma resistência ao tratamento psicanalítico em idosos na medida em que eles têm dificuldade em retirar os investimentos libidinais de certos objetos, apresentam inércia psíquica e dificuldade de simbolização.

Por isso, este trabalho tem como proposta contribuir com o conhecimento acadêmico sobre o tema, tendo em vista o aumento da população idosa no mundo. Este trabalho poderá trazer subsídios para a compreensão dessa faixa etária, uma vez que até bem pouco tempo ela não “existia” no plano social. Agora, os idosos fazem parte da Academia, tornam-se mestres e doutores e estão em busca do conhecimento necessário para embasar ou mesmo justificar suas existências. Desse modo, este trabalho buscou ampliar a compreensão desta temática, levando em conta a complexidade dos modos de pensar, sentir e agir do sujeito na sociedade contemporânea, em que impera o consumo.

Objetivando uma melhor compreensão das questões suscitadas pelo tema, organizamos o trabalho da seguinte maneira: no primeiro capítulo, analisamos a história do corpo nas diversas épocas e em algumas culturas. Vimos a necessidade desse corpo se movimentar para promoção de saúde e vigor físico. E nesse contexto, percebemos que os velhos foram colocados de lado, uma vez que o interesse do Estado estava voltado para a juventude. No segundo capítulo, procuramos mostrar a busca frenética da civilização ocidental pelo culto ao corpo e a influência da mídia na formação das subjetividades.

No terceiro momento deste trabalho, voltamos nosso olhar para a contribuição da Psicanálise sobre o surgimento da subjetividade. Para esta caminhada, “bebemos” na teoria de Freud em “Freud e o Narcisismo”, em Lacan, no seu famoso “Estádio do espelho e nos modos de gozo do sujeito.

No quarto capítulo, ainda na teoria psicanalítica, procuramos enfocar a velhice, o susto com a imagem refletida no espelho e o envelhecimento psíquico. Os principais autores que através de suas obras serviram de subsídio teórico para a elaboração deste trabalho são: o psicanalista francês, Henri Bianchi, cujo trabalho “O eu e o tempo”, versa sobre um assunto pouco abordado na literatura especializada, o mundo mental do idoso; Clara Brochsztain, que fez sua tese de doutorado sobre a temática do envelhecimento em “O susto ao espelho: um estudo psicológico do envelhecer” onde tece considerações sobre a temática do envelhecimento.

Na sequência, fizemos uma articulação entre Contemporaneidade e Psicanálise, confrontando as opiniões dos autores psicanalistas e dos contemporâneos a respeito da questão do envelhecimento na contemporaneidade, tendo como exemplo fragmentos de conversas obtidas através da convivência com pessoas de terceira idade.

O tipo de metodologia aqui utilizada surgiu inicialmente da ideia de fazer observação participante, uma vez que se prestava ao objetivo do trabalho, que era investigar o modo como

reagem os idosos em relação à influência da cultura da imagem no mundo contemporâneo e nada melhor do que ir a campo em local apropriado onde se observa haver uma preocupação com a imagem corporal, ou seja, uma academia de ginástica. Mas, no transcorrer do trabalho, optamos por realizar vivências práticas em que seriam efetuadas entrevistas informais com os sujeitos sem a preocupação com instrumentos éticos, aqui desnecessários. Os idosos entrevistados pertencem a um grupo específico em que se prioriza o trabalho orientado por educadores físicos direcionado para pessoas dessa faixa etária, o Grupo Longevidade de uma academia de ginástica. Entretanto, também entrevistamos alguns idosos fora do grupo, pois suas histórias pareceram interessantes e enriquecedoras para este trabalho, na medida em que iam ao encontro da teoria utilizada.

## 1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CORPO

*O senhor mire e veja, o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam.*

*Guimarães Rosa (2006)*

### 1.1 A questão do corpo pela história da humanidade

Parzewski (2008) analisa com muita propriedade o percurso histórico feito sobre a construção do “fenômeno corpo” nas diversas épocas. Para ela, os padrões de beleza mudaram ao longo da história nas mais variadas sociedades. Desde a Grécia antiga até a atualidade, defrontamo-nos com distintas formas de concepções de beleza e de diferentes leituras do corpo como um todo. Neste trabalho, o percurso histórico corresponde à introdução dos processos da construção deste fenômeno como forma de expressão, liberdade ou servidão.

Na Antiguidade Clássica, o corpo não era visto na sua totalidade, mas como carne ou espírito, corpo ou mente, psique ou soma. Sendo assim, filósofos gregos trataram dos muitos temas, entre os quais podemos citar: a importância do indivíduo e sua identidade, abordagem de assuntos como emoções, considerações sobre a constituição do homem, possibilidades da mente governar o corpo e, finalmente, corpo e espírito constituíam-se elementos independentes do ser humano. Em contrapartida, neste corpo independente, os gregos viam beleza e sinais de saúde. Segundo Mendes; Próchno (2004, p. 2), [...] na mitologia grega o corpo era muito valorizado, uma vez que os deuses eram imortais e possuíam a beleza e juventude eternas.” No Egito de hoje, pode-se avaliar a preocupação que os antigos tinham com a perfeição do belo e os cuidados com a estética corporal, por meio de artefatos como jarras de maquiagem, taças de unguento e outros objetos existentes nos museus.

Na Idade Média, não havia antagonismos entre corpo e alma: “A corporalidade era valorizada em si e continha o espiritual.” (PARZEWSKI, 2008, p. 68). Por conter a alma, não podia ser dissecado. Quanto à estética, aproximava-se do angelical, isto é, do divino. O individual era considerado um corpo social e o indivíduo era a expressão da sociedade. Este corpo era poroso, exercia suas funções naturais com liberdade e se comunicava com o cosmo por meio de orifícios conforme discorre Rodrigues (1999, p.84 apud PARZEWSKI, 2008) a respeito:

O corpo medieval era totalmente diferente daquele que surgirá no ambiente aristocrático-capitalista. Era um corpo de orifícios dotados de liberdade de expressão, de aberturas que falam, que podem usar de sinceridade. Nos corpos medievais, os orifícios não estavam absolutamente condenados ao silêncio semiótico. Era o corpo da boca que cospe, que vomita, que arrota, que exala hálito. Era corpo do ânus que expele gases, do nariz que escorre. Não era um corpo contido pela musculatura. Nada dessa couraça muscular que oprime os orifícios para que não se manifestem em público, para que se retenham, para que se escondam. Nada de uma rigidez que separa o interior corporal do exterior, que desenha os limites do corpo, restringindo-os à sua corporalidade individual.

No Renascimento, especialmente no ocidente, o dualismo cartesiano dividiu o homem em corpo e mente, com leis e essências próprias. Esta distinção veio favorecer a possibilidade de se abrir o corpo humano, trouxe liberdade para utilizá-lo nu, nas artes renascentistas. Afasta-se a ideia de um corpo inferior, regrado e pecador.

Na Modernidade, com a revolução industrial, o ser humano passa a ser o sujeito do conhecimento, com seu corpo sendo controlado e subordinado a permanentes cuidados. Este passou a ser considerado como máquina, esperando-se dele um trabalho ininterrupto. “O corpo torna-se o centro do aparelho produtivo, menos pela sua força, cada vez menos necessária com as máquinas, do que pela sua resistência ao desgaste nervoso.” (SILVA, 1999, p. 8). A nova imagem corporal está de acordo com as transformações que ocorrem: “[...] o individualismo como expressão ideológica do capitalismo industrial.” (PARZEWSKI, 2008, p.69).

Sendo assim, o corpo passou por várias representações como nos explica a autora:

Notamos que, ao longo do tempo, ora o corpo ideal era roliço, abundante, vestido com extravagância, ora a magreza estava de volta e esse corpo magro deveria ser coberto. Ora, o corpo era simbolizado como o mal, como ameaça satânica, ora exaltava a beleza angelical. Ora a vaidade era abominada e o corpo coberto pelo puritanismo, ora era fruto de pesquisas desenfreadas por novidades e as perucas, maquiagem e outros artifícios de beleza eram utilizados. (PARZEWSKI, 2008, p. 68)

E, por fim, a pós-modernidade ou contemporaneidade traz como característica o surgimento de uma cultura midiática em que os meios de comunicação de massa estimulam o consumo em todas as áreas sociais e o corpo perfeito, a beleza, a juventude, a felicidade e o sucesso pessoal são objeto de desejo de quase todos sendo considerados como bens ou mercadorias que se pode adquirir. (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008)

Podemos ainda acrescentar a ação da tecnologia sobre o corpo nos últimos decênios do século XX, de acordo com Santos (2011):

No entanto, talvez nada se compare ao que a tecnologia, nas várias áreas, tem feito, desde os últimos decênios do século XX até estes primórdios de novo milênio: as biotecnologias, as tecnologias brancas, as tecnologias cibernéticas e informatizantes, as neurociências - todas elas dão a ver um novo corpo, que vai além daquele controlado pelos poderes mencionados - quase como se os andróides de *Blade Runner* ganhassem vida. Experiências genéticas, clonagem humana, próteses biológicas variadas, enfim, uma gama de novos fatores é a cada momento introduzida em nossas reflexões sobre o que será de nossos corpos. E o que dizer da profusão de medicamentos e produtos químicos nos alimentos que artificializam nossas células, detonando doenças graves e sem cura?

Após essas considerações, dirigimos nosso olhar para a história brasileira. Segundo Crespo (1990), a crise das civilizações marcou profundamente o despertar para um estudo sobre o corpo, uma vez que ele estava sujeito às contenções e controle pelo Estado. A acumulação do capital somado à aceleração dos acontecimentos, dificultando maneiras conscientes e coerentes de pensar e, conseqüentemente, de agir, precipitaram este acordar. No entanto, o estudo mostra que não houve respeito à dignidade humana e à diversidade contextual e cultural. O corpo brasileiro é o resultado de uma miscigenação sem proporções. Somos e estamos sempre implicados e influenciados pelas culturas, portuguesa, europeia,



africana e indígena. É sob esta ótica que devem ser considerados os rumos tomados a respeito da consciência corporal, uma vez que o corpo historicamente construído reflete todas as representações as quais foi submetido.

## **1.2 A educação dos corpos - a educação física**

Na transição do século XVIII para o XIX, regulamentar os costumes, moderar os comportamentos que levavam ao prazer e assegurar condições satisfatórias à subsistência corporal, incluindo a conservação de alimentos, higiene da água e do ar, passou a ser objeto de interesse para o desenvolvimento. Segundo Crespo (1990), surge neste contexto a preocupação com a educação física da população, cujo mote seria a saúde e vigor dos corpos, impedindo o desperdício das energias. Passa a ter valor a natureza, que exerce sobre o humano um papel equilibrador. As crianças subnutridas são reveladoras de defeitos, excessos e degradação dos adultos, e a ociosidade é dos males o maior: comprometia a situação econômica do país. Era preciso combater este costume e o trabalho foi a forma encontrada para mudar a situação.

A ideologia reinante pensou o corpo conferindo-lhe pesadas correntes atreladas ao controle social, como, por exemplo, a noção de corpos regulados pelos saberes. E o pensamento era que a educação efetiva e duradoura poderia mudar mentalidades: “O saber transformava-se em ambição fundamental da sociedade, não só pelo seu valor utilitário, mas também, como meio excepcional de atingir a grandeza no caminho para a civilização” (CRESPO, 1990, p. 490). Mas, nem só o saber era visado. A real preocupação era com a situação econômica uma vez que a maior riqueza seria a qualidade da população que fatalmente iria contribuir para a produtividade. Essa é a opinião de Birman (1997, p. 194)

A riqueza maior do Estado não se restringia às riquezas existentes na sua natureza, mas na qualidade da população. Portanto, quanto mais o Estado investisse nas condições biológicas de sua população e nas condições sanitárias de seu território, maior seria sua riqueza material, pois as condições de vida de sua população seria a condição concreta de possibilidade para a produção de riqueza.

É nesta conjuntura que aparece com intensidade o termo degeneração, uma forma anormal de desenvolvimento biológico do organismo. Diante disso, tornaram-se essenciais as medidas profiláticas, com orientações higiênicas, que visassem uma vivência corporal ideal e correta, uma vez que o ócio estava representado nas pessoas desleixadas e sem vitalidade. As práticas usadas eram prejudiciais aos corpos. Os recém-nascidos eram amarrados com ligaduras e roupas extremamente apertadas, causando-lhes sérios comprometimentos. As mulheres usavam espartilhos, com o objetivo de deixar os corpos mais bem feitos. Os higienistas foram os precursores em apontar os fatores artificiais e prejudiciais que a sociedade cultivava, em detrimento de atitudes mais de acordo com a natureza. Sendo assim, as crianças e os jovens teriam que receber uma educação que primasse pela utilidade e pela contenção de gestos. “A beleza da mulher media-se pela saúde que podia transmitir a seus filhos; a virtuosidade feminina era avaliada também pela capacidade revelada na devolução ao mundo de corpos robustos e sóbrios” (CRESPO 1990, p. 495), era a expectativa reinante. A ordem seria o progresso do Estado, a defesa da Pátria e o trabalho, portanto, não haveria mais lugar para a ostentação e o supérfluo causadores de esbanjamento das forças corporais.

Tendo em vista esse quadro, de acordo com Birman, (1997, p. 195), os idosos foram colocados de lado por não fazerem parte dessa força produtiva:

[...] evidentemente a velhice passou a ocupar um lugar marginalizado na existência humana, na medida em que a individualidade já teria realizado os seus potenciais evolutivos e perderia então o seu valor social. Enfim, não tendo mais a possibilidade de produção de riqueza, a velhice perderia também o seu valor simbólico.

A atenção, então, se voltou para os mais jovens, especialmente as crianças, uma vez que teriam maiores condições de assimilar uma formação forte e austera. A imposição de regras, a formação de hábitos corretos que visassem a moderação, seriam fortalecidos por meio da repetição. Arrancar o que de negativo a pessoa possuía seria, também, o caminho a ser percorrido nesta nova mudança. As palavras expressas no texto ilustram tal procedimento: “Se se puser o devido cuidado em arrancar as primeiras tenras raízes superficiais dos vícios, antes que tomem forças; se pouco a pouco se ensinarem a vencer os apetites, e desejos, e lhe inspirarem os fundamentos das virtudes. (CRESPO, 1990, p. 507).

Então, no final do século XVIII, surge um composto de temas sobre a educação física, especialmente dirigido às crianças, com orientações para a prática efetiva da formação global da personalidade. Seria uma educação física voltada para a contenção de atitudes e formação da personalidade, contemplando aspectos como a gravidez, parto, vestuário, alimentação, sono e exercícios.

A concepção que dominava à época sustentava que a herança condicionava os corpos, tornando-os passivos. Esta premissa foi responsável pela alienação do corpo em relação a si mesmo. Só à aristocracia era permitida a escolha de exercícios como a dança, a esgrima, a caça. Já a população mais pobre se exercitava por meio do trabalho cotidiano. Foi assim, que emergiu naquele contexto social uma crítica à injustiça reinante: a população carente não tinha condições de se exercitar nas práticas corporais. Se o momento exigia a presença de corpos fortes e vigorosos para a execução das tarefas, como os marginalizados poderiam atuar?

As crises por que passam as civilizações trazem sempre algo de positivo, e nesta atual situação de miséria, vivida pela maioria da população, não foi diferente. Para responder à demanda de trabalho e se sobrepor aos obstáculos reinantes, foi instituída no final do século XIX, a ginástica no ensino oficial.

E é fazendo um resgate histórico que podemos verificar que o discurso da normatização, da disciplinarização, sempre permeado por razões, muitas vezes sutis, tinha um denominador comum, que era o poder. Seriam encontrados “facilmente os sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam”, assim tornando-se dóceis uma vez que este corpo “pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2004, p. 117-118). Saber como aconteceu a história é o caminho do entendimento sobre as ações dos homens.

Chegando ao contexto atual constatamos a repetição, isto é, a continuação deste processo, só que em outro sentido: não é mais a contenção do ser humano que se busca por meio da normatização, mas fundamentalmente a sua satisfação pessoal, que está a serviço do consumo, orientado pelos interesses de um sistema capitalista. Hoje podemos ver o poder na exploração econômica, por meio de paradigmas desvirtuados e estereotipados, que visam somente o lucro. Assim, fazendo uma analogia com a frase de René Descartes (1596-1650): “Penso, logo existo”, podemos resumir o estado de espírito presente na contemporaneidade e dizer que nossa ética social pode ser indicada pelo *slogan*: “Eu consumo, logo existo”. (SEVCENKO, 2001, p. 37).

O rumo da história humana tem como suporte as diversas representações que o ser humano constrói ao longo de sua experiência. Não se passa diferentemente com a representação que se tem do corpo. Esta é o “resultado de um longo processo de elaboração social” que se deu em detrimento de “um passado de negação” e um “presente de afirmação” (CRESPO, 1990, p. 8). Sendo assim, mudanças representativas continuaram e continuam acontecendo em nossos dias como, por exemplo, a relação estreita entre o emagrecimento e os exercícios físicos para satisfazer à estética e não somente à saúde que já se fazia nos idos do século XVIII.

A história do corpo se faz de maneira intrigante e curiosa, despertando um espírito questionador que nos incita a buscar, continuamente, explicações e justificativas para novas representações, que estão sendo construídas em cada geração. Aliás, o corpo e suas questões são temas cada vez mais presentes em trabalhos acadêmicos. Como diz Santos (2011) “isso corresponde ao momento em que o corpo está cada vez mais exposto, cada vez mais manipulado pela informação, pela imagem midiática e pela biotecnologia. Ponto positivo: quanto mais exposto, mais estudado sem preconceitos.”

E é com esse espírito que passamos ao próximo capítulo onde buscaremos um entendimento sobre as questões que envolvem a temática do corpo e subjetividade na contemporaneidade.

## 2 UM OLHAR SOBRE A CONTEMPORANEIDADE

*É doce estar na moda, ainda que a moda  
seja negar a minha identidade,  
troca-lá por mil, açambarcando  
todas as marcas registradas,  
todos os logotipos do mercado.  
Com que inocência demito-me de ser  
eu que antes era e me sabia  
tão diverso dos outros, tão mim - mesmo.*

*Carlos Drummond de Andrade (1989)*

### 2.1 Corpo e subjetividade

O processo de subjetivação de saberes, acontecido na modernidade, desenvolveu o interesse pelo corpo, e se constituiu num período marcado pelo individualismo, se estendendo ao longo dos nossos dias.

Joel Birman (1999) adverte que a modernidade e sua herdeira, a contemporaneidade têm efeitos nefastos sobre a subjetividade no sentido de inseguranças e incertezas uma vez que o sujeito estava habituado a uma ordem social tradicional onde era regulado pela longa duração das instituições, bem como a permanência de seu sistema de regras. Esta opinião é corroborada por Boris; Cesídio (2007), pois no seu modo de pensar, a mídia colabora com a transformação da antiga sociedade, cujas características eram a segurança, a prudência, a disciplina. Quando impõe padrões estéticos, éticos e políticos, ela está incentivando a insegurança, o hedonismo, o horror à rotina e à regulamentação. Ela influencia na formação das subjetividades, transforma as pessoas em meros consumidores, incorporando costumes que, se não seguidos, trazem ansiedade e angústia. Como consequência, podemos pensar que a aspiração do ser humano está sendo transformada pelo consumismo em um fim em si mesmo, e, com isto, se organiza e se define o sistema social. As características do desejo atual são de instabilidade, inconsistência, de necessidade sempre crescente e de deturpação dos

sentidos dos objetos. Este mecanismo valoriza somente o que é novo, e descarta com rapidez e facilidade, o que é velho. A propósito, vemos que a sociedade atual consagra o corpo e lhe dá um status que confirma uma posição classificatória e tem como objetivos rotular e categorizar atitudes que se ligam aos padrões de beleza aceitos, alienando aqueles que se veem fora do contexto exigido. Essa atitude consumista se revela como uma tentativa desesperada de evitar o inevitável: o envelhecimento. A este respeito, Pitanga (2006, p.20) assinala que:

Verifica-se, na atualidade, um desespero pelo consumismo ávido de qualquer proposta na tentativa de perpetuar desesperadamente a juvenilidade. Desse modo, os sujeitos, aprisionados ao fascínio da trama imagética da mídia, passam a tentar evitar ou postergar os 'sinais' tão incômodos e temidos que revelam a passagem do tempo – o envelhecimento, os quais são denunciados através do corpo.

## 2.2 Gênero e envelhecimento

E a mulher é a que sente mais profundamente os efeitos do envelhecimento. Enquanto o homem passa por esse processo tranquilamente, a mulher se vê despojada de sua feminilidade e sente-se obcecada pelo horror de envelhecer. A mulher se questiona sobre o domínio que antes exercia sobre o homem. A este não são exigidas as qualidades passivas de um objeto, mas a ela as cobranças são infinitas, dela própria e da sociedade. Sobre esta questão, Simone de Beauvoir (1949/1980, p. 344) escreve com brilhantismo já naquela época:

[...] muito mais do que o homem, ela apostou nos valores sexuais que detém, para reter o marido, para se assegurar proteções, é necessário que agrade na maior parte dos ofícios que exerce; não lhe permitiram ter algum domínio sobre o mundo, senão por intermédio do homem: que lhe acontecerá quando não tiver mais domínio sobre este? É o que se pergunta ansiosamente enquanto assiste impotente à degradação desse objeto de carne com o qual se confunde; luta, mas pintura, operações estéticas não podem senão prolongar sua juventude agonizante. Pode trapacear com o espelho, mas quando se esboça o processo fatal, irreversível, que vai destruir nela todo o edifício construído durante a puberdade, sente-se chocada pela própria fatalidade da morte.

Na atualidade, as mulheres conseguiram sua independência econômica, no entanto continuam a depender psicologicamente dos homens e fazem o possível e o impossível para se adequarem às exigências que lhes são impostas tanto pela sociedade, pelo trabalho como pelos homens. Há cada vez mais um descontentamento com a aparência e elas se submetem a cirurgias plásticas, horas de academia para ter uma alta *performance* e assim estarem aptas para esse “mercado” altamente competitivo. Aliadas a isso estão as transformações que estão acontecendo em todo o mundo que são transmitidas num curtíssimo espaço de tempo pelos meios de comunicação e exercem influências marcantes no cotidiano dos indivíduos, que se veem confrontados em suas singularidades. Neste contexto, a valorização corporal tem um lugar destacado no imaginário da sociedade, tornando-se um fato social que está vinculado ao mercado e ao consumo, muito menos às necessidades reais do sujeito. Como resultado deste processo de globalização, acontece a mistura de variadas práticas de modos de ser que vai determinando comportamentos os quais, muitas vezes, se relacionam a costumes particulares e específicos, formando subjetividades descentradas e dispersas.

### **2.3 Subjetividades contemporâneas**

Estar fora dos padrões estabelecidos é ver sua singularidade de maneira excêntrica, extravagante, é ver sua autoestima extirpada, trazendo toda sorte de inadequação e insatisfação. Para Santaella (2004), a ideia do eu passa por uma crise sem perspectiva de término. São várias as subjetividades que fazem parte do imaginário contemporâneo: multiforme, dispersa, formada a partir de transversalidades, composta por múltiplos fatores que determinam o comportamento dos indivíduos.

Enquanto os valores, as crenças fazem tudo para trazer uma ideia estática do eu “[...] unificado, interiorizado e individualizado [...]” (SANTAELLA, 2004, p. 15) buscando sua



manutenção, a ilusão caminha num sentido oposto, valorizando o mundo das imagens, da aparência, do reconhecimento de si pelo outro, da exterioridade, do autocentramento. São maquinações usadas pela mídia para favorecer a economia da autoestima, enquanto reforça o poder pessoal. O culto ao corpo é uma forma de relação do indivíduo consigo mesmo e tem como objetivo estruturar um eu desestruturado. É uma forma de subjetividade contemporânea.

São, de fato, as representações nas mídias e publicidade que têm o mais profundo efeito sobre as experiências do corpo. São elas que nos levam a imaginar, a diagramar, a fantasiar determinadas existências corporais, nas formas de sonhar e desejar que propõe. (SANTAELLA, 2004, p. 126).

Sendo assim, a mídia e a indústria da beleza trabalham juntas. Esta fornece a materialidade do comportamento por meio dos objetos consumíveis, enquanto a mídia incentiva o culto ao corpo, por meio dos padrões da beleza: não aceitação da velhice, das imperfeições, homogeneidade de expressão e de aparência. A informação veiculada pela mídia tem uma força subliminar, que conduz muitas pessoas, mesmo as mais conscientes do manejo da manipulação, a pensar no próprio corpo inconscientemente, isto é, da forma como o mundo consumista preconiza, nos alerta Santaella (2004). Temos como consequência a autoerotização que leva ao isolamento.

A produção contínua de subjetivações de saberes impostos na atualidade, dentro das práticas corporais não considera a subjetividade individual e sua diversidade, fragilizando este ser, distanciando-o cada vez mais dos outros seres humanos. Portanto, não há mais possibilidade de trocas subjetivas, como está registrado: “O sujeito perde-se em sua própria imagem, não dando conta das suas relações com o outro, pois amar implica em sacrificar um fragmento do seu narcisismo, enquanto ser amado implica em ser visto e apreciado”. (MENDES; PRÓCHNO, 2004, p. 5). Consequentemente, essa exacerbada prática imagética ocasiona sérios efeitos patogênicos. De acordo com os autores citados “[...] a dor nas

patologias contemporâneas se expressa no corpo”. Aqui vale lembrar as patologias atualmente em voga: anorexia, bulimia, depressão, medo de envelhecer, síndrome do pânico, compulsões, como por exemplo, compulsão por exercícios físicos, drogadição. Elas refletem a incapacidade do indivíduo se enquadrar em parâmetros tão perfeitos, gerando com isso, angústias e adoecimento uma vez que o indivíduo sente-se responsabilizado por sua aparência. Em relação à anorexia e à bulimia, Scarton (2010) diz que estas patologias são denúncias do corpo reprimido do mesmo modo que a histeria era para a Psicanálise. No estudo psicanalítico da histeria, “as manifestações corporais têm um caráter central. Um determinismo complexo, que abrange eventos traumáticos e conflituais, faz o sofrimento individual emergir em sintomas corporais denominados conversivos” (SCARTON, 2010, p.3).

Na contemporaneidade, os transtornos alimentares fazem a denúncia da repressão corporal. E segundo Scarton (2010, p.6) isso pode se notar

[...] já a primeira vista, pela própria aparência, um corpo identificado aos padrões de disciplina impostos sustentando os ideais de beleza ligado à magreza, e ao mesmo tempo, porém, um corpo que se perdeu nessa busca, e fugiu à noção de saúde e do que pode ser fatal. São corpos moldados à luz da mídia. E atravessando limites que chegam a chocar, denunciam, na verdade, o quanto se encontram reprimidos e, literalmente, diminuídos pelos programas midiáticos.

A desapropriação do corpo se dá por meio de instrumentos voláteis, impalpáveis. Soma-se a isto a velocidade dos acontecimentos, a tecnologia, o excesso de informação pelos jornais, TV, internet que conduz à busca de um ideal de beleza tão perfeito e, por isto, inatingível. Quando se perde a posse do próprio corpo, surgem os conflitos internos, conflitos gerados pela ambivalência de direção, isto é, uma que nega a singularidade do sujeito e a outra que nega a diferença e a alteridade. A primeira se refere a não aceitação do próprio

corpo, e a segunda está relacionada à aquisição de um corpo homogeneizado determinado pelas convenções sociais.

No entender de Bauman (2008) valor social e a autoestima estão intimamente ligados neste mundo consumista. Inúmeros indivíduos buscam recursos que os tornarão aceitos, inseridos, e não se dão conta do alto preço que estão pagando, pois se tornam mercadorias expostas à aceitação ou não de outros tantos consumidores insaciáveis. A aparência funciona como garantia ou não da integridade da pessoa. Muito comum nesta época é o sentimento de separação de si mesmo e dos outros. Este corpo poderia ser usado como agente social no meio circundante, mas o que se espera dele, nesta sociedade, é que ame a si mesmo (SANTAELLA, 2004). Toda esta experiência pode trazer sofrimento psíquico e seu sintoma está ancorado nas representações corporais, firmadas num tempo de aceleração e de gana de consumo. Este tempo se caracteriza por subjetividades “multiformes, heteróclitas, descentradas, instáveis, subversivas” (SANTAELLA, 2004, p. 125). Caracteriza-se, também, pela não conscientização crítica destes fenômenos e, por isto, o sujeito não os encara, procurando se iludir por meio de medicamentos prescritos, para sufocar o que não pode ser dito.

Diante das características da contemporaneidade delineadas em que impera a cultura da imagem e onde há uma aversão à velhice, fazemos uma pergunta: qual é o lugar do idoso neste mundo narcísico? De que forma sua subjetividade, pouco debatida até pouco tempo, poderia ser reconhecida? Na tentativa de tecer mais algumas considerações sobre o surgimento da subjetividade do ponto de vista de alguns autores psicanalíticos, iremos, no próximo capítulo, buscar as respostas para este tema.

### 3 CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE

*Para Narciso o olhar do outro, a voz do outro,  
o corpo é sempre o espelho  
em que ele a própria imagem mira.  
E se o outro é como ele outro Narciso,  
é espelho contra espelho: o olhar que mira reflete  
o que o admira num jogo multiplicado  
em que a mentira de Narciso a Narciso  
inventa o paraíso.*

*Ferreira Gullar (2001)*

#### 3.1 Freud e o narcisismo - A invenção da subjetividade

A ideia de subjetividade é de longa data. Freud, no texto *Sobre o narcisismo* escrito em 1914, fala sobre “Sua Majestade o Bebê”, pois “Doença, morte, renúncia de gozo, restrições a sua própria vontade, nada disso valerá para a criança, as leis da natureza assim como as da sociedade cessarão diante dela, ela será realmente de novo o centro e o coração da criação.” (FREUD, 1914/1996, p. 98)

De acordo com Herzog e Pinheiro (2003), nesse texto, Freud fala sobre o que podemos chamar de a invenção da subjetividade ao se referir à subjetividade como uma realização dos sonhos dos pais, que, além de “atribuir todas as perfeições ao filho e de esquecer todas as deficiências” almejam para ele o melhor, aquilo que eles não tiveram, ou seja, que o menino será um grande homem e um herói e a menina realizará o sonho da mãe que era casar-se com um príncipe e **ser feliz para sempre** (grifo meu). Essa atitude por parte dos pais se traduz em “revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo” e tem relevância no narcisismo primário (FREUD, 1914/1996, p. 97). O narcisismo primário, segundo Laplanche (2001, p. 290) “designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma”. Entretanto, há variações sobre o momento da constituição desse momento mesmo na obra de

Freud. Em alguns textos estaria entre a fase do autoerotismo primitivo e a do amor de objeto e em outros o narcisismo primário se encontraria num primeiro estágio anterior à constituição do ego sendo, então, extinta a distinção entre autoerotismo e narcisismo. Esta é a noção aceita atualmente na Psicanálise. (LAPLANCHE, 2001)

A criança sai do narcisismo primário através do complexo de castração, uma vez que ela, paulatinamente, é submetida às exigências do mundo que a cerca, simbolizadas pela linguagem. O filho percebe que não é tudo para a mãe e agora ele se esforçará para que reconquistar o amor da mãe. No entanto, isto só será possível através da satisfação de certas condições: as do ideal do eu que, no entender de Freud, são as representações culturais e sociais, os imperativos éticos transmitidos pelos pais. (NASIO, 1997)

Na Conferência XXVI, “A teoria da libido e o narcisismo”, Freud dá o nome de narcisismo à determinada forma de distribuir a libido. “A libido se encontra ligada aos objetos e é expressão de um esforço para obter satisfação em conexão com esses objetos, também pode deixar os objetos e colocar o próprio ego da pessoa em lugar deles” (FREUD, 1916-1917/1996, p. 416). E, de acordo com Laplanche e Pontalis (2001, p. 290), “O narcisismo secundário designa um retorno ao ego da libido retirada dos seus investimentos objetais”. Nesta mesma conferência Freud diz que “tomou de empréstimo” o termo narcisismo que foi cunhado por Paul Näcke em 1899 para designar uma perversão na qual o indivíduo “adulto trata seu corpo com todos os mimos que usualmente são dedicados a um objeto sexual externo” (FREUD, 1916-1917/1996, p. 416). No entanto, de acordo com Roudinesco (1998), o termo narcisismo já havia sido utilizado pelo psicólogo francês, Alfred Binet para descrever a veneração que uma pessoa tem por si própria tomando-se como objeto sexual. Posteriormente, esse mesmo termo foi usado por Havelock Ellis em 1898 para nomear um comportamento perverso que tem relação com o mito de Narciso.

O mito de Narciso conta a história do filho do deus Céfiso, protetor do rio do mesmo nome, e da ninfa Liríope. Como Narciso era extremamente belo, despertou o desejo das ninfas. Entre elas, a companhia preferida de Diana em suas caçadas, a ninfa de nome Eco, que por falar em excesso e sempre dar a última palavra nas conversas, foi castigada por Hera por ter escondido dela suas companheiras ninfas que se divertiam com seu marido. Eco, então, não poderia mais falar por iniciativa própria, nem retorquir quando interpelada. Então, certo dia em que Eco passeava pelo bosque viu Narciso que estava caçando e ficou apaixonada pelo belo rapaz, mas não foi correspondida e ela de pesar ficou vagando pelo bosque, pelas cavernas e entre os rochedos das montanhas. Passou a evitar o contato com outros seres e não se alimentava mais. Em consequência, seu corpo foi definhando e seus ossos foram transformados em rocha, só restando sua voz, que nós bem sabemos onde ouvir, pois ela sempre diz a última palavra. A deusa Nêmesis, do Olimpo viu o sofrimento de Eco e resolve vingá-la. Então, deu uma punição a Narciso, condenando-o a um triste fim.

Perto do bosque, havia uma fonte clara, de águas parecendo prateadas, era cercada de uma relva viçosa, verdejante e estava entre os rochedos sem o sol para ofuscar sua beleza. Neste lugar, um dia, cansado de suas caçadas e com muita sede, chega Narciso. Debruçou-se sobre a fonte e viu com surpresa uma bela figura que o olhava de dentro da fonte. Ficou fascinado com a imagem e acredita ser de outra pessoa, estende os braços para abraçá-la, mas ao contato com seus braços, a imagem sumiu, voltando em seguida, tão belo quanto antes. Fica desesperado por não poder satisfazer seu intento e chora copiosamente e suas lágrimas caem na água que fica turva e ele implora à imagem que fique, pois ele se contentaria apenas em olhar para sua imagem. E assim, Narciso fica a contemplar sua imagem por dias e esquece-se de se alimentar e beber água. Seu corpo vai definhando e ele morre. Como era o costume, as ninfas após chorarem seu triste destino prepararam uma pira funerária, mas não

conseguem cremar seu corpo, pois não o encontraram. Só acharam uma flor hoje conhecida por narciso. (Extraído de O Mito de Narciso em: Oscar Wilde e Machado de Assis)

### **3.2 Lacan e a gênese do eu**

Lacan desde o início de sua obra manifestou grande interesse pela gênese do eu. Ao analisar Aimée, uma paciente que havia tentado assassinar uma atriz famosa da época, ele pode ver que havia uma relação entre a paranóia e o narcisismo. Investigou o caso da paciente embasado na noção freudiana de “escolha do objeto narcísica” e num artigo de 1922 em que Freud analisara os mecanismos neuróticos do ciúme, da paranóia e do homossexualismo. Lacan observou que, no caso de Aimée, a libido ficara fixada na imagem de sua irmã a quem ela adorava a ponto de só ver a si mesma na imagem da irmã. A questão primordial é que esse objeto venerado, na sua visão, aparecia, ao mesmo tempo, como um objeto invasivo e persecutório, visto que havia em “Aimée um amor desvairado pela imagem do perseguidor, acompanhado por uma negação dela mesma”. Houve um deslocamento da hostilidade que Aimée nutria pela irmã para outras mulheres que culminou com a tentativa de assassinato da atriz, porque Aimée manifestara uma reação defensiva contra a intromissão invasiva do objeto adorado, aqui deslocado para a atriz. Ocorre que na época da formação do eu, narcisismo e agressividade comparecem juntos, por acontecer que “o eu se forma a partir da imagem do outro” e na ocasião é gerada uma tensão no momento em que “o sujeito vê seu próprio corpo na imagem do outro, ele percebe seu próprio domínio realizado no outro, e, apesar disso, este último permanece estranho”. Lacan, na resolução do caso Aimée achou “necessário suprimir essa imagem para sustar a tensão e fazer a libido voltar-se para o eu”. (NASIO, 1997, p. 56-57) Desse modo, através de suas investigações sobre a paranóia, a formação do eu e a agressividade, é que Lacan desenvolve a sua teoria do narcisismo.

### 3.3 O Estádio do espelho – os outros em Lacan

Depois desse caso, então, Lacan aprofundou seus estudos sobre os processos essenciais da formação do eu e, nessa trajetória, chegou, em 1936, à teoria do “Estádio do espelho”. Esta teoria é “uma construção lógica proposta por Lacan, a partir da observação de crianças, que corresponde ao narcisismo e à constituição do eu através da imagem do outro” (QUINET, 2012), ou seja, da imagem que lhe é devolvida pelo outro. Esse outro como semelhante, espelho, outro do imaginário (ou *autre* em francês, com a minúsculo), a mãe, por exemplo, que serve de espelho para que a criança antecipe a *Gestalt* de seu próprio corpo. E, além desse, Lacan cita a existência de um outro Outro (*Autre* com A maiúsculo), mas de natureza distinta, numa forma inconsciente. “O grande Outro é o conjunto de significantes que marcam o sujeito em sua história, seu desejo, seus ideais – eles sustentam suas fantasias inconscientes e imaginárias”. O grande Outro é formado por todos os que foram importantes para o indivíduo na sua infância: a mãe, o pai, o avô, etc. (QUINET, 2012, p. 7) Este mesmo autor em seu livro *Os outros em Lacan* cita cinco modalidades que nos mostram como não há sujeito sem outro: os já citados, pequeno outro e grande Outro, e além destes, o objeto *a*, o outro do laço social e o outro gozo, Heteros.

O objeto *a*, causa do desejo corresponde ao primeiro objeto de desejo, perdido e para sempre, da plena satisfação e como objeto mais-gozar, é o objeto da angústia e objeto alvo – e efêmero – da satisfação pulsional.

O outro do laço social, maneiras conviviais de relação com o outro, Lacan chama de aparelhos de gozo, pois esses vínculos promovem um esvaziamento de gozo. Por exemplo, a educação, em que existe uma relação entre o agente do discurso (o professor) e alguém que é o outro, o aluno que é ensinado. O ato é que determina o laço social.

Segundo Quinet (2012), Lacan conta cinco tipos de laços sociais cujos paradigmas encontram-se nos pares a seguir: o professor e o aluno; a histérica e o médico; o senhor e o



escravo; o analista e o analisante e a mercadoria e o consumidor. A este ele propõe o nome de discurso capitalista e o fazer comprar seria uma modalidade de vínculo do discurso capitalista (DC). O objeto *a* é o mais-gozar que tem a significação de mercadoria no DC, objeto que Lacan nomeia de *gadget*, produto que a sociedade vende como se fosse o objeto de desejo do consumidor. O discurso capitalista não promove o laço social entre os seres humanos, ele propõe ao sujeito a relação com um *gadget*, um objeto de consumo curto e rápido. Quinet (2012) diz que esse discurso produz um autismo induzido e um empuxo-ao-onanismo fazendo a economia do desejo do Outro e incentivando a ilusão de completude com objetos passíveis de serem descartados. Assim, o discurso capitalista sustenta-se com a fabricação da falta de gozo, produzindo sujeitos insaciáveis em relação ao consumo, pois não conseguem adquirir tudo o que desejam. O agente do discurso no discurso da dominação do DC é a capitalcracia, onde o capital manda. A saída para o discurso capitalista é o discurso do analista (DA), cujo agente de discurso é a “a-cracia, onde se trata do governo de *a* (mais-gozar) que se revela como impossível de governar” uma vez esta forma de laço está em lados opostos à vontade de dominar ocorrendo um esvaziamento dos imperativos de gozo. É o único laço social que trata o outro efetivamente como sujeito (QUINET, 2012, p. 21)

A quinta modalidade, o outro gozo, Heteros, gozo Outro, é o gozo feminino. Lacan o chamou “enigmático”, “louco”, é o êxtase dos místicos. É um gozo fora do significante, para o qual não há palavras. (QUINET, 2012)

Retomando o Estádio do espelho, esse momento se situa entre o sexto e o décimo oitavo mês de vida do *infans* e simboliza “o momento psíquico e ontológico da evolução humana [...] durante o qual a criança antecipa o domínio sobre sua unidade corporal através de uma identificação com a imagem do semelhante e da percepção de sua própria imagem num espelho” (ROUDINESCO, 1998, p. 194).

De acordo com Quinet (1990, p. 15), “essa imagem primeira, *Urbild* do sujeito, corresponde ao eu-ideal através do qual o sujeito se apreende como humano.”

A fase do espelho também é um drama em que “o eu se define por uma identificação com a imagem de um outro real” e, a criança “se precipita da insuficiência do corpo despedaçado para a antecipação jubilosa, reconhecendo sua imagem totalizante no espelho – o dinamismo libidinal do narcisismo”. (VIOLA, 2008, p. 28)

A citação de Lacan transcrita por Viola sobre o drama escópico:

O estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da influência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante; que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (LACAN, 1949/1998, p. 100 apud VIOLA, 2008, p. 28)

De acordo com Lacan (1966/1998<sup>a</sup>, p.97 apud CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002) é desse modo que, a criança inicia a construção de sua subjetividade, uma vez que, por meio dessa identificação, ela prevê, imaginariamente, a sua totalidade corporal, ou seja, “a transformação que se produz nela quando assume uma imagem” e ao ultrapassar esse momento pré-especular, ela passa a ver seu corpo na totalidade depois de tê-lo imaginado ora fragmentado ora unificado. Portanto, a imagem corporal para Lacan é responsável pela constituição dessa subjetividade, neste momento de seus estudos. Depois dessa conscientização do seu corpo como inteiro, a criança incorpora de fato suas funções motoras e assume um domínio real do seu corpo, tendo em vista que a simples visão da totalidade de seu corpo apenas lhe dá um domínio imaginário de seu corpo. E “é aí que a imagem do corpo dá ao sujeito a primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é do eu”. (LACAN, 1975/1986, p. 96 apud CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002)

Entretanto, Freud revolucionou o conceito de subjetivação ao mostrar que o ego não é senhor em sua própria casa, uma vez que descentrou o homem de si mesmo, dissipou o último refúgio da onipotência humana. Fez isso utilizando a metáfora das três feridas narcísicas em que Copérnico, Darwin e o próprio Freud desfizeram o mito do narcisismo, colocaram o homem no seu devido lugar. Copérnico retirou a Terra do centro do Universo; Darwin fez ver que o homem está sujeito às mesmas leis que todas os demais seres vivos e Freud desferiu o golpe final na megalomania humana dizendo que nossa vida psíquica também é regida por leis e por uma dinâmica singular em que a nossa consciência não pode controlar, “devendo contentar-se com as escassas informações acerca do que acontece inconscientemente em sua mente” (FREUD, 1917/1996, p. 292). Lacan, por outro lado, “desfez a ilusão da totalidade, a pretensão de síntese e a miragem da unidade do eu, mostrando que o eu é – antes de tudo, o outro.” (QUINET, 2012, p. 1)

### **3.4 O que é corpo para a Psicanálise?**

Para a Psicanálise, o que interessa não é o corpo de carne e osso e sim um corpo “tomado como um conjunto de elementos significantes”, de acordo com Nasio (1993, p. 149). Na teoria lacaniana, é um corpo falante “que comporta significantes que falam entre si (NASIO, 1993, p.149), mas também é um corpo sexual, “porque o corpo é todo gozo e porque o gozo é sexual”. Sendo que gozo é “o impulso da energia do inconsciente, quando ela é gerada pelos orifícios erógenos do corpo, quando ela exprime, seja diretamente, pela ação, seja indiretamente, pela fala e pela fantasia, quando ela é esse ímpeto [...]. (NASIO, 1993, p. 148) E o corpo também é subjetividade:

O corpo é pura subjetividade, está sujeito, portanto a todas as marcas históricas, culturais, sociais, que são impressas nele. O corpo biológico é, portanto, apenas um receptáculo recheado de inscrições simbólicas adquiridas pelo sujeito na sua relação como o outro, relação esta constituída através da linguagem. O que é apenas carne,

organismo, quando afetado pelo significante, a linguagem, transforma-se em corpo.  
(ALMEIDA, s/data)

### 3.4.1 A ótica lacaniana: três dimensões no corpo - Imaginário, Simbólico e do Real

Na obra de Lacan, é constante a referência aos três registros: Imaginário, Simbólico e Real. De acordo com Cesarotto; Leite (1993 apud CUKIERT, 2004, p. 226), Lacan os descreve como “as três dimensões do espaço habitado por seres falantes, como é revelado pela experiência analítica”

E é sob o ponto de vista dessa trilogia, ou tópica, que o corpo pode ser pensado: sob a ótica do Imaginário tal qual o estádio do espelho, “é a forma como a imagem do corpo próprio, a partir do outro, tem um papel fundamental na formação do eu e na imagem assumida pelo sujeito” (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002, p. 145).

A partir de 1953, “o imaginário é o lugar do eu, com seus fenômenos de ilusão, desconhecimento, captação e engodo, ligado à experiência de uma clivagem entre o eu (*moi* em francês) e o eu (*je*)” (NETTO, 2011, p. 207).

Sob o ponto de vista do Simbólico, mostra a relação da fala com a linguagem e com o corpo. É o corpo marcado pelo significante, “um elemento de uma cadeia de linguagem onde o desejo do outro se inscreve” (NASIO, 1997, p. 61).

E, finalmente, sob o ponto de vista do Real, “o corpo como gozo, definido como pura energia psíquica da qual o corpo orgânico seria apenas a caixa de ressonância”. (NASIO, 1993, p. 37).

Lacan inspirou-se nas armas da família italiana Borromeu ao desenvolver o anel borromeano onde representa os três registros. Essas armas compunham-se de três anéis em forma de trevo, unidos de modo que se um deles fosse retirado, os outros dois ficavam soltos.

Analogamente, cada anel do nó borromeano, como Lacan denominou, corresponde a um registro, sendo todos entrelaçados dependentes uns dos outros. (NETTO, 2011)

### 3.4. 2 O corpo - lugar do gozo

A partir do seminário 20, Lacan (1972-1973) postula o termo gozo, já que antes esse termo era do domínio do jurídico e define o direito de ter um bem e de usufruir dele. De acordo com Nasio (1993, p. 133),

[...] o gozo não é o prazer, mas o estado que fica além do prazer, ou para retomarmos os termos de Freud, ele é uma tensão, uma tensão excessiva, um máximo de tensão, ao passo que, inversamente, o prazer é um rebaixamento das tensões. Se o prazer consiste mais em não perder, não perder nada e despender o mínimo possível, o gozo, ao contrário, alinha-se do lado da perda e do dispêndio, do esgotamento do corpo levado ao paroxismo de seu esforço. É aí que o corpo aparece como substrato do gozo. É precisamente nesse estado de um corpo que se consome que a teoria analítica concebe o gozar do corpo.

A teoria do gozo apresentada por Lacan é uma elaboração complexa, que distingue três modos de gozar: o gozo fálico, o mais-gozar e o gozo do Outro (NASIO, 1993).

Nasio (1993) define o gozo a partir da metáfora freudiana de energia psíquica, muito embora Lacan não tome “o gozo como uma entidade energética”, pois em sua opinião, “ele não corresponde à definição física da energia como uma constante numérica.” (NASIO, 1993, p.30-31). Nasio apenas utilizou essa comparação por parecer-lhe mais apropriada à explicação do aspecto dinâmico e clínico do gozo.

Assim, o *gozo fálico* na sua concepção seria: a energia psíquica dissipada durante a descarga parcial obtendo um alívio incompleto da tensão inconsciente, sendo que o falo funciona como comporta reguladora da parcela de gozo que sai, a descarga, e a que fica dentro do sistema inconsciente. É o limite que fecha ou abre o acesso à descarga, por isso esta categoria de gozo é fálica. Em Freud, a energia que é descarregada no exterior depois de

atravessar o recalçamento, vem sob a forma de um dispêndio energético que acompanha cada manifestação do inconsciente, ou seja, o sonho, o lapso ou o sintoma ou como nos diz Nasio (1993, p. 27), o exterior seria: “acontecimentos inesperados, palavras, fantasias e o conjunto de produções externas do inconsciente, dentre elas o sintoma”.

O gozo fálico está fora do Imaginário, fora do corpo. Situa-se na interseção do Real com o simbólico. (LEITE, s/data)

A outra classe, o *mais-gozar*, equivaleria ao gozo que permanece retido no interior do sistema psíquico, e cuja saída é barrada pelo falo. “Mais” seria a parcela de energia não descarregada, o gozo residual que aumenta constantemente a intensidade da tensão interna. Este gozo residual permanece fixado nas zonas erógenas e orificiais do corpo – boca, ânus, vagina, canal peniano, etc.

Leite (s/data), autor do artigo *A teoria dos gozos em Lacan, referindo-se ao mais-gozar*, diz que “Esse é o principal modo de gozo da sociedade contemporânea, uma vez que o sujeito procura sua completude no objeto em vez de no sentido. O consumismo, nesta perspectiva, seria um modo de gozo, um mais-gozar, o objeto *a*, ou seja, “o outro eleito, a parte fantasística e gozosa de meu corpo e que me prolonga e me escapa”. O objeto *a* tem a função de expressar uma ausência. E é este vazio que as pessoas procuram preencher consumindo. (NASIO, 1993, p. 95)

Por último, o gozo do *Outro* seria a situação ideal em que a tensão fosse totalmente descarregada sem nenhum impedimento. “Esse é o gozo que o sujeito supõe no Outro, sendo o próprio Outro, igualmente, um ser suposto.” Nasio acrescenta que dependendo do ponto de vista do sujeito esse estado ideal assume diferentes imagens. Por exemplo: para um neurótico obsessivo pode significar a morte, já para um neurótico histérico, um oceano de loucura. (NASIO, 1993, p.27-28) este gozo se situa na interseção do Real e do Imaginário. Também está fora do simbólico, fora da palavra. Por exemplo, o fenômeno psicossomático, que é uma

alteração traumática ou patológica sobre um determinado órgão decorrente de uma marca que o significante produziu no corpo e que existe fora do simbólico, por esta razão, é gozo do Outro.

(LEITE, s/data)

O lugar do gozo é sempre o mesmo, o corpo, porém há a necessidade de que seja um corpo vivo.

Tendo em vista que nossa meta nesse trabalho é a questão do envelhecimento na contemporaneidade, na sequência vamos nos deter na obra de alguns autores que direcionaram suas investigações sobre a temática em questão.

## 4 A VELHICE

*O velho do espelho*

*Por acaso, surpreendo-me no espelho: quem é esse  
Que me olha e é tão mais velho do que eu?  
Porém, seu rosto...é cada vez menos estranho...  
Meu Deus, Meu Deus...Parece  
Meu velho pai - que já morreu!  
Como pode ficarmos assim?  
Nosso olhar - duro - interroga:  
"O que fizeste de mim?!"*

*Mário Quintana (1997)*

### 4.1 O velho, esse outro – o susto ao espelho

Esse corpo que passou pela experiência do espelho, que havia sido percebido na sua totalidade passará por duas grandes crises nas quais se sentirá estranho. Para Goldfarb (1998, p. 33) estas crises serão:

O primeiro será a adolescência, em que o corpo cresce meio desproporcionado, e o sistema endócrino traz muitas novidades, mas onde fundamentalmente há a promessa de um futuro pleno de realizações. Mas quando um idoso se olha no espelho, o que este lhe devolve é uma imagem ligada a uma deterioração, uma imagem com a qual ele não se identifica. Não há júbilo nem alegria, há apenas estranheza e ele pensa: “esse não sou eu”. Novamente uma discrepância entre a imagem inconsciente do corpo e a imagem que o espelho lhe devolve.

O idoso, então, ao se olhar no espelho sente-se tomado pela estranheza e declara categoricamente que aquela imagem que vê não se parece com ele. Essa questão remete ao texto de Freud escrito em 1919, *O estranho*. Neste texto, o termo estranho tem diversas conotações, entre elas, “relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador – com o que provoca medo e horror”. (FREUD, 1919/1996, p. 237)

O envelhecimento por tratar-se de algo novo na vida do indivíduo “pode tornar-se facilmente assustador e estranho” (FREUD, 1919/1996, p.239), embora esse processo faça



parte da evolução do ser humano, quando chega sua vez o indivíduo fica sem saber como lidar com essa novidade. As palavras de Freud, (1919/1996, p. 258) expondo duas considerações sobre a essência do estudo em questão, “O estranho”:

[...] todo afeto pertencente a um impulso emocional qualquer que seja a sua espécie, transforma-se, se reprimido, em ansiedade [...] esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo da repressão.”

Além dessa conotação de estranho, a crise do envelhecimento traz outras opiniões como a de Simone de Beauvoir que se mostra pessimista em relação ao envelhecer de acordo com o comentário de Goldfarb (1998, p. 33). “Ela afirma que o sujeito não pode ter uma experiência plena do ser velho, esta seria uma experiência irrealizável em si própria, e a velhice, a decadência e a finitude são mais aspectos percebidos pelos outros, do que pelo próprio sujeito que envelhece”.

Tal como uma espécie de reedição do estádio do espelho, “enquanto a criança se rejubila antecipando sua unidade corporal, o sujeito que envelhece se deprime, antecipando a decrepitude da velhice e a finitude da morte.” (GOLDFARB, 1998, p. 36) Além disso, o sujeito ao visualizar sua imagem leva um susto, pois o que ele vê são as marcas do tempo. É o outro do espelho quem revela o inevitável, pois não percebemos que estamos envelhecendo e só o olhar do outro que vai apontar nosso envelhecimento. “Assim, o velho será sempre o outro, e trataremos de representar o que somos através da visão que os outros têm de nós (GOLDFARB, 1998, p. 33)”.

É comum a situação em que um idoso ao se olhar no espelho diga “esse não sou eu” porque na sua memória há uma incompatibilidade entre imagem inconsciente do corpo e a imagem que ele realmente vê no espelho. A explicação de Goldfarb (1998, p.38) é a de que “a antecipação do envelhecimento encontra seu reflexo no espelho sob a forma de um eu de

feiúra que é rejeitado (“esse não sou eu”) e que pode se manifestar desde uma simples estranheza até um verdadeiro horror”. Dessa forma,

[...] instala-se uma tensão entre o Eu Ideal e o Eu que deve ser regulada pelo Ideal do Eu que, como instância representante do social e seus discursos pode não estar outorgando ao sujeito que envelhece um lugar de sujeito desejado. Caso este sujeito não encontre um lugar de reconhecimento, o Ideal do Eu não tem como sustentar sua função reguladora. Junto com a queda do Eu Ideal, desabarão outras imagens narcísicas de onipotência, perfeição e sabedoria, que darão lugar aos atributos de um Eu de “feiúra” ou “horror” com sua carga de castração, desmembramento e aniquilação. A tensão agressiva, voltada contra si próprio, e sem uma função reguladora adequada, pode precipitar ao sujeito nas patologias da velhice que irão desde a simples depressão até a demência, dependendo sempre da singularidade de cada estrutura. (GOLDFARB, 1998, p. 38)

Como vimos acima, há uma espécie de negação, uma não-aceitação do envelhecimento biológico por parte dos idosos.

#### **4.2 O fenômeno do envelhecimento**

De acordo com Birman (1997), o conceito de velhice é relativamente recente na história ocidental. Sempre se soube que a existência humana passa pelo percurso natural de nascer, crescer, amadurecer e morrer. Envelhecer “é um processo inerente à vida, com todo o seu ímpeto criador, constitutivo e produtivo”, sendo “um processo que percorre toda a vida”, pois “o ser humano envelhece enquanto vive” (PITANGA, 2006, p. 68, 70). A velhice é uma fase tal como a infância e a adolescência e era vista como natural, entretanto na passagem do século XVIII para o XIX, a ideologia cientificista do evolucionismo tomou para si a tarefa de colocar ordem no aparente caos e fundou o ciclo biológico da existência em faixas etárias bem delineadas. A partir dessa conjuntura histórica e teórica, o conceito de velhice se constituiu como um momento de decadência da existência humana, caracterizado por especificidades no seu funcionamento biológico. Posteriormente, a Organização Mundial de Saúde (OMS), estipulou a idade de 65 anos

para idosos dos países desenvolvidos e 60 anos para os países em desenvolvimento. (IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.)

Em muitos países, o fenômeno do envelhecimento é observado há muito tempo, mas não é o caso do Brasil e outros países em desenvolvimento. Nestes países o número de idosos vem aumentando radicalmente. Por isto, “a velhice passa a ser objeto de cuidado e de atenção especiais, que eram certamente inexistentes nos últimos dois séculos.” No entanto, os cuidados com a velhice ficavam a cargo da filantropia e da piedade, que “eram maneiras falaciosas e até mesmo hipócritas de silenciar os valores negativos em que a modernidade inscreveu a velhice.” (BIRMAN, 1997, p. 196- 197) Atualmente, é o Estado e a sociedade em geral que tomou para si a responsabilidade por essa faixa etária como se vê pelas leis que regem essa fatia da sociedade.

No Brasil, a relação da nossa cultura com a velhice passa por um processo que a cada dia se evidencia mais. Com isso se esboça a possibilidade de reconhecimento do idoso como sujeito e agente social. Exemplificando essa transformação é o fato de vivenciarmos no nosso dia a dia o cuidado com a terceira idade nos direitos adquiridos conforme o Estatuto do idoso (2003).

Também percebemos esta atenção especial nas produções do imaginário social. A problemática da velhice é tema de criações literárias e cinematográficas. Entre elas podemos citar “Um divã para dois”, onde um casal de meia idade, após 30 anos de casados, resolve fazer um intensivo de uma semana de terapia para melhorar seu relacionamento; “O quarteto” em que personalidades famosas vivem em um lar para músicos aposentados e o filme “E se nós vivêssemos todos juntos?”. Este filme é uma produção francesa que trata da última etapa da vida. Trata-se de uma comédia dramática sobre um grupo de idosos amigos de longa data que resolvem morar juntos quando se cogitou a possibilidade de um deles ir para um asilo. Nesse filme há dois assuntos que são tabus para a maioria das pessoas: **a morte e a sexualidade**.

### 4.3 Morte – o futuro de todos nós

A morte assim como a velhice e a doença, são para o Eu representações angustiantes, “isto é, formações psíquicas suscetíveis de se encontrarem investidas ou desinvestidas, tratadas defensivamente – deformadas, negadas, recalcadas [...] são assim alvo de manobras defensivas, porque se lhes associam afetos de desprazer.” (BIANCHI, 1993, p. 96)

Sendo assim, de acordo com Birman (1997), o indivíduo apresenta três formas paradigmáticas de ordenação psíquica que constituem modos de lidar e manejar o impasse de sua condição trágica: a depressão, a paranóia e a mania. Estes termos não se referem às doenças descritas pela nosologia psiquiátrica, é sim uma releitura dessas ordenações psíquicas que aqui são consideradas pelo seu efeito na relação do sujeito com a temporalidade. São “estilos psíquicos diferenciados de o sujeito se defrontar com a tragicidade da morte em estado puro e com a inexistência de um futuro possível.” (BIRMAN, 1997, p. 201)

Na opinião de Brochsztain (1998), a sombra da morte que se avizinha lança para uma crise qualquer espírito por forte que seja e esse é o caso do sujeito que vivencia uma depressão. Esta crise pode afligir o idoso quando este rememora seu passado sem ter qualquer possibilidade de corrigi-lo, por não existir projetos para o futuro fica impossível uma rearticulação com seu presente. O idoso só percebe as faltas e perdas e estas aliadas à perda maior - a ausência de lugar social e o reconhecimento simbólico - lança o idoso num estado melancólico.

Depois desta fase o sujeito, diante do insucesso de suas lembranças e da inexistência do futuro, em consequência, o idoso se organiza num estilo psíquico paranóide. As faltas agora são vistas pelo “espelho” da paranóia e o sujeito manifesta ressentimentos, dirige às pessoas mais próximas a culpa pelos seus fracassos. Há uma recusa de suas faltas e perdas, inflacionando de forma desmedida o seu eu, uma vez que os outros é que são

responsáveis pelo que não pôde construir simbolicamente e, como resultado, gozar como sujeito.

Uma questão que se encaixa bem nessa categoria, a mania, é a negação do envelhecimento. Não resta dúvida de que é difícil para a maioria das pessoas elaborar a decadência do corpo e aceitar a efemeridade da beleza física. No entanto, recorrer a estratégias para deter o processo do envelhecimento é uma forma de negar a própria morte uma vez que o padrão estético almejado é irremediavelmente irrecuperável na perspectiva da temporalidade. Ao negar o futuro e a passagem do tempo,

[...] o sujeito passa a funcionar de forma caricata, como se fosse jovem. Com isso se apresentam as modalidades de travestismo juvenil em pessoas idosas, que tem a marca e o tom da impropriedade, na medida em que pretendem exibir uma juventude que não é reconhecida pelos outros. Essa forma de pantomima de juventude origina os maiores mal-entendidos nas relações do sujeito com o mundo, sendo a fonte incansável de histórias humorísticas fabuladas no imaginário social. Esse seria o estilo psíquico de lidar com a morte pela modalidade da mania. (BIRMAN, 1997, p. 202)

Estas perdas são infligidas inevitavelmente ao sujeito no processo de envelhecimento e, conseqüentemente, suscitam a demanda psíquica para a realização do trabalho de luto. Entretanto, esta não é uma experiência de limitação e de conformismo, pois o sujeito sempre pode fazer um trabalho de elaboração psíquica e assim, abertos a possibilidades oferecidas no seu real, possam substituir simbolicamente as perdas.

Em relação a uma das perdas, a mudança corporal, Geis (2003), considera que o tempo deve ser visto como um *continuum*, um constante desenvolvimento do ser humano e não sob a ótica do envelhecimento. Por esta razão, ele aconselha que “não devemos focar para as perdas, mas sim para a conquista e redescoberta de um novo corpo que somos e seremos vivendo um novo mundo a cada amanhecer que se inicia.” (GEIS, 2003 apud TAVARES; CARVALHO, 2011, p. 4)

#### 4.4 Sexualidade – vida na terceira idade

Outra questão suscitada pelo filme “E se nós vivêssemos todos juntos” é a sexualidade dos idosos, aqui considerada como motivação que anima a existência, que lhe dá entusiasmo ou prazer, por isso a razão do título da sessão: Sexualidade – vida na terceira idade.

Este assunto tem semelhanças com a velhice no sentido de serem ambos estigmatizados com tabus, mitos e preconceitos. Essa opinião é compartilhada com Covey (1989 apud TAVARES; CARVALHO, 2011) que também menciona em sua obra os mais variados mitos, atitudes sociais e estereótipos negativos que são atribuídos aos idosos, sendo que os mais exacerbados são aqueles ligados à sexualidade, gerando dificuldades em qualquer manifestação desta área em suas vidas.

Entretanto, não se deve confundir sexo com sexualidade, embora represente um de seus aspectos e sejam usados como sinônimos na linguagem corrente. (NEGREIROS, 2004)

A respeito dessa questão, Freud no texto “As resistências à Psicanálise” de 1925 postula que “Aquilo que a Psicanálise chamou de sexualidade não era em absoluto idêntico à impulsão no sentido de uma união dos dois sexos ou no sentido de produzir uma sensação prazerosa dos órgãos genitais; tinha muito mais semelhança com o Eros [...]” (FREUD, 1925/1996, p. 243). Negreiros (2004, p.77) explica que de acordo com a visão freudiana, a sexualidade traduz-se por “energia ou libido e caracteriza-se por uma capacidade de se ligar a pessoas, objetos, ideias, ideais, à vida, enfim. Inclui a atividade sexual, mas não se resume em sexo.”

A análise, segundo Lacan no Seminário XX (1972-1973, p. 13), “demonstra que o amor, em sua essência, é narcísico” e “o amor é impotente, ainda que seja recíproco, porque ele ignora que o desejo de ser Um, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos... dois sexos”. Lacan mais à frente no Seminário XX, (p.45), na sessão “O amor e o

significante” fala que “o homem, uma mulher, [...] não são nada mais que significantes.” Portanto, podemos inferir que quando se ama não há a urgência do sexo como pensa o sujeito do hiperconsumo. “Não há relação sexual porque o gozo do Outro, tomado como corpo, é sempre inadequado – perverso de um lado, no que o Outro se reduz ao objeto *a* – e do outro, eu direi louco, enigmático. (LACAN, 1972-1973, p. 155) Agora podemos entender a razão de Lacan dizer que a relação sexual não existe.

Essa também é a opinião de Simone de Beauvoir (1990) quando diz que a sexualidade como reação física ou psicológica ao estímulo sexual está além do impulso e do ato sexual, constituindo-se uma oportunidade de expressar paixão como também estima, afeto e lealdade. Acrescenta-se a isso o fato da sexualidade possibilitar uma interação da afetividade e da relação interpessoal, por isso mesmo é que não é apenas um meio de prazer, embora não possamos negar a existência do desejo, é uma linguagem do ser humano, do corpo. (VIDAL, 2002 apud TAVARES; CARVALHO, 2011)

No entanto, o envelhecer gera preocupação na área da sexualidade, porque durante o processo ocorrem mudanças em diversos níveis, físicos, psicológicos e sociais, não necessariamente negativas. De acordo com Negreiros (2004), atualmente, a opinião corrente é que a capacidade de exercer a sexualidade não se perde com a idade, somente ocorre uma lenta diminuição assim como outras capacidades físicas. Todavia, em pessoas saudáveis a sexualidade não se esgota. Assim, “a melhor forma de assegurar o funcionamento dos órgãos é deixá-los trabalhar contínua e sistematicamente” garante Negreiros (2004, p. 84). Obviamente que o exercício físico é de extrema importância nesse processo uma vez que produz considerável melhora na aptidão física do idoso colaborando para que haja menor destruição de células e fadiga e conseqüentemente, o idoso terá uma melhor qualidade de vida e autoestima elevada.

No trabalho de Butler e Lewis (1985) intitulado “Sexo e amor na terceira idade” citado por Tavares e Carvalho (2011, p. 8), os autores entendem que “afeto, calor e sensualidade não precisam se deteriorar com a idade, e na verdade, podem até aumentar. O sexo na velhice é emocional, envolve tanto a parte física como a comunicação, é aprendido e menos instintivo, possibilita novas experiências criativas e exige sensibilidade.”

Nesse mesmo artigo, as autoras fazem referência ao trabalho de Santos (2003) “Sexualidade e amor na velhice” em que o autor diz que “o idoso não perde a sexualidade, mas a redescobre, e, nessa perspectiva, se deve olhar as possibilidades criativas construídas pelo corpo vivido de vivenciar essa sexualidade.” (TAVARES; CARVALHO, 2011, p. 2)

Outra questão que impede de fluir a sexualidade é a educação repressora das pessoas idosas de hoje. Negreiros refere-se especialmente às mulheres, mas penso que os homens sofreram os efeitos dessa educação rígida. De acordo com esta educação, tudo era errado, e impunham-se critérios de como poderia ser o comportamento das pessoas. Na opinião de Negreiros (2004, p. 81):

Ressalte-se, também, que as idosas de hoje foram educadas num código de sexualidade ainda muito rígido – o que é próprio ou impróprio; o que é natural, agradável, normal, ou ao contrário: danoso, excessivo, insultuoso; aquilo que é passível de admiração, aceitação ou, inversamente, de repulsa, negação. Submeteram-se a padrões de sexualidade claros ou implícitos quanto à regulamentação das relações sexuais indesejáveis – entre camadas sociais, raças ou faixas etárias diferentes.

E a livre expressão da sexualidade pode ficar prejudicada, ainda mais que atualmente tende-se a separar jovens idosos, sexagenários-septuagenários, ainda saudáveis e ativos dos mais velhos, octogenários em diante, teoricamente mais frágeis e dependentes que ficariam na categoria de uma quarta idade no envelhecimento. (NEGREIROS, 2004)

Outra questão chama a atenção em relação ao ato sexual propriamente dito e que promoveu uma abertura na concepção de sexualidade e nos modos de vivenciá-la na atualidade: a descoberta da pílula anticoncepcional feminina e a de medicamentos para



estimular a função erétil masculina. Com a primeira foi possível dissociar prazer de procriação e a segunda assegurou o exercício da sexualidade masculina idosa. (NEGREIROS, 2004) Esta questão foi muito bem trabalhada no filme “E se nós vivêssemos todos juntos”, pois um dos personagens, Claude, um idoso que tinha casos com garotas de programa, mas não possuía o mesmo coração da juventude. E pedia ao jovem que cuidava deles para comprar o medicamento estimulante. Resultado: teve um ataque cardíaco. “Contudo, é importante destacar que a motivação para o sexo depende mais da saúde mental, da disposição para o ato e da qualidade de vida dos componentes da relação que da própria musculatura enrijecida”, de acordo com Reis (2000, apud TAVARES; CARVALHO, 2011, p. 9).

Esse é um dos problemas que o idoso enfrenta, porém o que mais assusta são os casos em que muitos idosos são infectados com o vírus HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana), no Brasil, cerca de 13665 casos de 1980 a 2009 em pessoas com 60 anos, sendo 8.959 em homens e 4.696 em mulheres. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009) Infelizmente esse é um marcador da existência da atividade sexual em idosos.

Fora essas situações de vulnerabilidade, o exercício da sexualidade pode ser positivo em idosos saudáveis.

#### **4.5 Envelhecimento psíquico**

Recorremos à Bianchi (1993) para falar sobre o envelhecer sob o ponto de vista psíquico. Em seu livro *O eu e o tempo*, ele apresenta a ideia de que o cérebro com o tempo sofre alterações assim como o conjunto do corpo - as aptidões psíquicas, a inteligência em seus diversos aspectos, as capacidades de aprendizagem, etc. medidas por testes que mostram uma diminuição do desempenho na velhice. No processo do envelhecimento não se pode distinguir o que deve ser atribuído a fenômenos de deterioração fisiológica ligados à

senescência dos tecidos ou das células e o que se refere a fenômenos psicoenergéticos ligados à existência ou ausência de estímulos, ou seja, de interesse, trocas, circulação libidinal. O que se sabe é que estes estímulos quando presentes parecem retardar o envelhecimento fisiológico.

O aparelho psíquico tem entre suas funções a de manter a continuidade do prazer, de interesse e de sentido e supõe um fluxo de investimento de si e do mundo externo e nesse caso, percebe-se que haveria a possibilidade de que, paralelamente à senescência fisiológica estaria a senescência psíquica, que seria a perda da capacidade do aparelho psíquico manter essa continuidade. O aparelho psíquico para Freud representa a ideia de necessidade de escoar excitação e como resultado ocorre a produção de um trabalho psíquico. A energia resultante proporciona a orientação e sobrevivência do organismo na medida em que é convertida em sentido e investimento possibilitando assim a vida relacional, condição suprema para a vida psíquica. No entanto, a singularidade de cada um é que vai determinar a sua relação com o tempo. Desse modo, poderá haver dependência afetiva, recolhimento narcísico, idealização da infância e do passado, sentimentos de frustração ou perda relativa das faculdades de sublimação, traços e atitudes próprios da regressão. (BIANCHI, 1993)

Apesar de haver uma diminuição das aptidões psíquicas na fase da velhice, devemos ter em mente que o inconsciente, objeto de estudo da Psicanálise, não envelhece. Seu funcionamento e constituição ignoram a lógica cronológica e temporal, portanto, “os processos inconscientes não são ordenados no tempo e nem se alteram com a passagem deste. A referência temporal é um trabalho da consciência”. (DAMASCENO, 2005, p. 185)

Observa-se que certas pessoas parecem envelhecer mais do que outras da mesma idade e o fator subjacente a esse envelhecimento psíquico seria a manutenção ou a perda do fluxo de investimento que une o Eu a um objeto, sendo que naqueles idosos que se mantiveram “mais moços” seria notada a presença desse fluxo de investimento. Este movimento de realizar e manter o fluxo de investimento “fora-do-Eu” representa o processo de maturação psíquica, a

superação do narcisismo como também a realização da atividade cognitiva. Desse modo, o aparelho psíquico constrói esquemas de sentido (cognitivos) para si mesmo e estes interagem com os investimentos afetivos, que, por sua vez, são imprescindíveis à formação de esquemas de sentido necessários ao idoso no sentido de auxiliar o Eu a superar a perspectiva de destruição embora, às vezes, tais esquemas possam ser sentidos como inúteis. (BIANCHI, 1993)

Nesse momento da vida, o Eu faz a tentativa de sobreviver a si mesmo, e faz isso se identificando com entidades que transcendam sua própria existência, tais como filhos e netos, uma instituição, obras, alma, etc., ou seja, “tudo o que lhe permite evitar reconhecer na morte uma castração radical” (BIANCHI, 1993, p. 93), razões para viver, interesses próprios e assim justificar sua existência. Desse modo, estes investimentos fora-do-Eu, embora pareçam simples ou absurdos, mostram-se capazes de manter com vida o aparelho psíquico e garantem à vida psíquica uma juventude surpreendente e, segundo Brochsztain (1998, p. 97), estas são qualidades psíquicas saudáveis: “saudável circulação libidinal fluindo entre as instâncias psíquicas, o investimento libidinal fora-do-Eu, uma vida significativa, enfim, capacidades criativas e vinculares”.

Então, de acordo com a singeleza dos investimentos fora-do-Eu, vemos que o importante é a qualidade do investimento afetivo e aqui nos defrontamos mais uma vez neste trabalho com o valor da mãe na constituição do sujeito, de acordo com as ideias de D. W. Winnicott citadas por Bianchi (1993, p. 77):

E encontramos novamente aqui toda a importância do período inicial da vida, ou seja, daquele em que a ligação com o mundo exterior se estabelece por intermédio da ligação com a mãe, mãe-ambiente e mãe-objeto, que emerge da primeira, pois a mãe que constitui o primeiro pólo de investimento fora-do-Eu permanece também como seu modelo. A confiança e desconfiança que se estabelecem, então, “no mundo” representado pela mãe, nunca mais acabarão de repercutir na confiança ou desconfiança que o Eu experimentará em seguida, com relação ao conjunto de suas relações objetais, mas também no tocante aos seus próprios esquemas de sentido. Na infância, de fato, é a capacidade de investir que é recebida ou recusada, encorajada ou desencorajada. Ora, a experiência analítica mostra que, se essa capacidade de

investir consegue estabelecer-se firmemente, ela representa uma força que os maiores reveses não conseguem desencorajar...

Portanto, é o grau desta confiança que irá influenciar no ato do investimento por mais insignificantes que sejam em termos racionais os objetos investidos. “Eles são testemunhos de um laço harmonioso com o pólo de investimento primário, eles atestam uma confiança no objeto, a qual, por sua vez, implica uma confiança do ato do investimento”. (BIANCHI, 1993, p. 78)

Em relação aos investimentos fora-do-Eu em interesses próprios mencionados acima para empreender a luta por “manter-se vivo”, Brochsztain (1998), sugere que o ser humano pode tentar elaborar a angústia frente à morte por meio de vários mecanismos entre os quais estariam a criação artística (cinema, literatura, etc.) e religiosa (religiões que veem o fim como passagem). Dessa forma, o trabalho psíquico necessário para prevalecer a pulsão de vida sobre a pulsão de morte seria infinitamente menor.

Brochsztain (1998, p, 97) em sua experiência clínica destaca a importância do trabalho em grupo com os idosos que encontram dificuldade no enfrentamento de questões relativas à terceira idade devido a ocorrer “o resgate instantâneo de condições psíquicas mais saudáveis quando atitudes e metodologias adequadas para restabelecer vínculos satisfatórios são oferecidos a pessoas que estão vivendo regressivamente as questões de uma idade mais avançada”. E acrescenta que é de vital importância que o trabalho nessa faixa etária seja feito em grupo para que “novos objetos possam ser investidos.”

## 5 ARTICULAÇÃO ENTRE CONTEMPORANEIDADE E PSICANÁLISE

Neste capítulo confrontamos as opiniões dos psicanalistas e de autores contemporâneos sobre a questão do envelhecimento na contemporaneidade.

De acordo com a teoria esboçada neste trabalho e a partir de vivências práticas com pessoas da terceira idade em vários ambientes, procuramos retratar em várias categorias o que observamos nos seus *modus vivendi*. Para tanto utilizamos como exemplo fragmentos das entrevistas assim obtidas. Desse modo, no discurso dos entrevistados foram observadas as seguintes categorias:

- **Psiquismo saudável no envelhecimento**
- **Dependência psíquica no envelhecimento**
- **Revivências das relações amorosas no envelhecimento**
- **Dificuldades em lidar com o envelhecimento**
- **Modo de gozo da sociedade contemporânea**
- **Preconceito**

### 5.1 - Psiquismo saudável no envelhecimento

Em conversas com idosos pudemos verificar que uns apresentam envelhecimento saudável, pois se envolvem com atividades que têm sentido e que os mantêm interessados na vida. Essas idiossincrasias, ou seja, as características peculiares a esse grupo de idosos, são próprias de um envelhecimento saudável como foi visto anteriormente. As qualidades psíquicas saudáveis, assim definidas: “saudável circulação libidinal fluindo entre as instâncias psíquicas, o investimento libidinal fora-do-Eu, uma vida significativa, enfim, capacidades criativas e vinculares” (BROCHSZTAIN, 1998).

*L. de 84 anos dedica-se aos netos, à filha e aos bisnetos. Sente-se útil nas pequenas coisas: colocar um varal, comprar prateleiras e pendurar um quadro. São estas pequenas coisas que fazem a diferença, pois estes investimentos fora-do-Eu, embora pareçam simples ou absurdos, mostram-se capazes de manter com vida o psiquismo e garantem à vida psíquica uma juventude surpreendente.*

*S. de 60 anos, também tem uma vida bastante ativa: pratica natação, hidroginástica, frequenta academia de ginástica, e resolveu estudar, sonho antigo, irrealizável devido à criação dos filhos e constantes mudanças, morando sempre em lugares onde não existia ensino superior. Uma vez seus filhos encaminhados na vida, pôde se dedicar ao seu sonho. Coursou uma faculdade e resolver não parar mais.*

Ela conseguiu romper com seu inexorável destino, segundo as observações de Simone de Beauvoir (1980, p. 359):

[...] a lamentável tragédia da mulher idosa: ela sabe-se inútil; durante toda a sua vida, a mulher burguesa teve amiúde que resolver o problema irrisório: como matar o tempo? Mas, uma vez educados os filhos, o marido instalado na vida, os dias não acabam mais. Os “trabalhos femininos” foram inventados a fim de dissimular essa horrível ociosidade; as mãos bordam, fazem tricô, mexem; não se trata de um trabalho de verdade porque o objeto produzido não é o fim visado; tem pouca importância e muitas vezes é um problema saber a quem destiná-lo: livram-se dele dando-o a uma amiga, a uma organização de caridade, atopetando lareiras e cômodas; não é tampouco um jogo que revela, em sua gratuidade, a pura alegria de existir; e é apenas um alibi, porquanto o espírito permanece desocupado: é o divertimento absurdo tal qual o descreve Pascal; **com a agulha ou o crochê, a mulher tece tristemente o próprio vazio de seus dias.** (grifo meu)

## 5.2 Dependência psíquica no envelhecimento

Outros idosos apresentam-se sem objetivos na vida, sentem um grande vazio, ausência de esperança e têm muita dificuldade de elaborar os desafios da idade, como a perda da juventude, da beleza.

*É o caso de M. com 65 anos, que demonstra ter uma percepção negativa da vida, mostra ter dependência psíquica da filha, sente-se frustrada por não ter conseguido realizar*

*suas aspirações da mocidade, fica desgostosa consigo mesmo, ranzinza, amarga em relação ao que poderia ter sido, crítica e é intolerante com as novas gerações.*

Essa atitude é característica da regressão em que há dependência afetiva, recolhimento narcísico, idealização da infância e do passado, sentimentos de frustração ou perda relativa das faculdades de sublimação. Observamos que seu psiquismo não mantém a continuidade de prazer, de interesse e de sentido assim como o fluxo de investimento de si e do mundo externo fica a desejar. (BIANCHI, 1993)

### **5.3 Revivências das relações amorosas no envelhecimento**

Esta categoria traz uma questão estigmatizada e pouco conhecida pela maioria das pessoas: a sexualidade do idoso. Ligado a esse tema temos a longevidade que suscita alguns questionamentos. A menopausa é um deles. A menopausa era desconhecida até a pouco tempo, pois as mulheres tinham em média uma vida bastante curta, não ultrapassavam os 40 anos. (BROCHSZTAIN, 1998) Seguindo-se o preconceito em relação ao exercício da sexualidade dos idosos. Observa-se que hoje, com o avanço da Medicina, os idosos estão mais saudáveis e aqueles que estão no início da velhice não sofrem com a diminuição da libido e estão aptos para a continuidade de sua sexualidade, mesmo nos mais velhos saudáveis, a sexualidade não se esgota. (NEGREIROS, 2004)

*G. com 84 anos e leva uma vida bastante ativa. Pela manhã frequenta academia de ginástica, faz musculação, alongamento, bicicleta ergométrica em um grupo que é especializado em ginástica para idosos. A esta altura de sua vida já é viúvo, mas há poucos meses viajou para Portugal e lá se casou com a irmã de sua esposa que tem 70 anos, é fisioterapeuta e morou por 30 anos em Portugal. Hoje, o casal vai junto fazer seus exercícios físicos na academia assim como vão às compras, viajam juntos apara visitar a família em*

*outro estado. Ele tem outros interesses e ocasionalmente traz notícias sobre a política nacional da qual é crítico feroz.*

Nesse casal nota-se o exercício saudável da sexualidade. São prova de que a sexualidade não se perde com a idade, não se esgota. Outro fator que contribui para a saúde corporal do casal é o fato de praticarem exercícios físicos apropriados para suas idades o que melhora sua aptidão física e lhes dá uma melhor qualidade de vida como também autoestima elevada.

*Outro caso é o de D. de 82 anos que outrora tinha desistido de ter uma vida produtiva, havia se resignado às condições que sua velhice lhe impunha: incontinência urinária. Já estava aceitando seu triste destino, quando conheceu L. e se apaixonou. Resultado: pôde ter esperança de tratamento e, com a ajuda de um fisioterapeuta, fez exercícios para melhorar o quadro clínico patológico e limitante e mais tarde se casou com L.*

#### **5.4 Dificuldades em lidar com o envelhecimento**

Elaborar a decadência do corpo e aceitar a efemeridade da beleza física é muito penoso para muitas pessoas, que se utilizam de estratégias para deter o processo de envelhecimento na esperança de alcançar o padrão estético que almejam, porém é como correr atrás do vento, uma vez que irremediavelmente os sinais da velhice se apresentam paulatinamente às pessoas. Estas, então, passam a funcionar de forma caricata, como se fossem jovens usando roupas impróprias para sua idade, sendo alvo de histórias humorísticas. Esse seria o estilo psíquico de lidar com a morte pela modalidade da mania. (BIRMAN, 1997)

Temos como exemplo:

*L. com 62 serve de exemplo para esta categoria pela razão de negar seu envelhecimento utilizando-se do travestismo juvenil. Ela costumeiramente usa roupas*



*impróprias no intento de parecer mais jovem, no que não é reconhecida pelos outros. L. costuma gastar fortunas com tratamentos que prometem rejuvenescimento rápido.*

Há outras inacessibilidades como o caso de doenças degenerativas muito comuns nos idosos atualmente, Mal de Parkinson e Mal de Alzheimer, que antes não haviam sido estudadas, mas que agora são muito divulgadas, vitimando inclusive pessoas com menos idade, como é o caso do ator Michael J. Fox que em 1991 havia sido diagnosticado com o Mal de Parkinson, com a idade de 30 anos. Em nosso tempo de juventude sempre ouvíamos falar de uma tia que ficou “caduca”, mas não conhecíamos por essa denominação, Mal de Alzheimer.

Como não é nossa intenção discorrer sobre estes quadros de demência, apenas citar as vivências, prosseguimos com o exemplo a seguir:

*Outro caso observado em nossa vivência é o do senhor A. Ele também participa do mesmo grupo e se esforça ao máximo para ter uma vida saudável, embora sofra do Mal de Alzheimer. Sua esposa que sempre o acompanha, mas não participa do grupo, contratou um profissional de Educação física para ministrar-lhe aulas particulares na própria academia para que ele consiga ter uma vida melhor e, com efeito, isso parece acontecer, uma vez que o exercício físico tem um efeito protetor e A. tem se mostrado mais ativo, participante das atividades do grupo de idosos da academia, embora seu estado exija cuidados, por tratar-se de uma doença neurodegenerativa.*

## **5.5 Modos de gozo da sociedade contemporânea**

O consumismo é um modo de gozo na contemporaneidade, uma vez que o sujeito procura sua completude no objeto em vez de no sentido. É o mais-gozar, o objeto *a*, ou seja, o outro eleito, a parte fantasística e gozosa de meu corpo e que me prolonga e me escapa. O objeto *a* tem a função de expressar uma ausência. E é este vazio que as pessoas procuram

preencher consumindo uma vez que o discurso capitalista não promove o laço social entre os seres humanos, ele propõe ao sujeito a relação com um *gadget*, produto que a sociedade vende como se fosse o objeto de desejo do consumidor, um objeto de consumo curto e rápido. Além disso, o discurso capitalista sustenta-se com a fabricação da falta de gozo, produzindo sujeitos insaciáveis em relação ao consumo, pois não conseguem adquirir tudo o que desejam. Esse discurso produz um autismo induzido e um empuxo-ao-onanismo fazendo a economia do desejo do Outro e incentivando a ilusão de completude com objetos passíveis de serem descartados. (QUINET, 2012)

*V. de 62 anos exemplifica esta problemática. Ela tem o costume de comprar roupas, sapatos, bolsas, enfim, tudo o que preencher naquele momento seu vazio existencial. Guarda tudo com etiqueta em malas no alto dos armários, (ela precisou comprar outros) mesmo porque a parte de baixo já está repleto de sapatos guardados na caixa sem usar. E ela olha para eles todos os dias e conversa com eles como se fossem seus tesouros mais preciosos. Parece-me um pouco exacerbado esse seu agir, constituindo-se um transtorno de consumo compulsivo, mas é como ela se sente completa. No entanto, como seu único prazer é adquirir, uma vez que obviamente não usufrui do objeto, pode-se pensar que é um comportamento vazio.*

*V. se casou muito cedo, em torno dos 17 anos com um homem 11 anos mais velho, que foi infiel por várias vezes durante seu casamento. Ela, então, dedicou-se ao consumo exagerado como forma de suprir esse vazio na sua vida. Já pensou na possibilidade de separar-se de seu marido, mas pensou muito e resolveu permanecer com ele, pois o que realmente importa em sua vida a dois é o conforto que ele lhe propicia e ele não vai deixar que outra pessoa usufrua o que penosamente conquistou. E, desse modo vivem os dois, viajam juntos, para ver os netos, vão para outro país para fazer compras, e assim vão levando a vida.*

## 5.6 Preconceito

Conversando com uma psicóloga que participa do grupo Longevidade da academia de ginástica que é a mesma da maioria dos idosos desse trabalho, soubemos que na sua clínica ela faz um trabalho com famílias e a demanda é composta de filhos que não aceitam a individualidade de seus pais idosos. Estes querem viajar sozinhos, viver sós, não desejam cuidar dos netos, e isso causa espanto aos filhos, que tendem a controlar seus pais, principalmente a mãe. Esta é uma questão da contemporaneidade a ser pensada.

*Este é o caso de L., hoje professora aposentada e mora com seu marido, ambos idosos e tem que cuidar dos netos. O pai das crianças está desempregado, tem 54 anos e o casal veio morar em um apartamento vizinho ao de L. alugado por ela. O casal tem cinco filhos e às vezes L. tem que cuidar deles, pois a filha tem que sair para trabalhar e o marido vive viajando, pois tem escritório em outra cidade e segundo L. parece que não tem muita clientela. L. sente-se sobrecarregada com a situação, uma vez que recai sobre ela e seu esposo o sustento de seus descendentes, assim como o trabalho de cuidar deles, mas não vê saída para ela.*

Na atualidade, cada vez mais essa situação está acontecendo com os idosos. Na época de suas vidas em que poderiam usufruir de tudo o que construíram, são impedidos devido a essa realidade.

Algumas pessoas que participaram dessas vivências estão lutando para ter melhor qualidade de vida nos anos vindouros e fazem isso em grupo onde são monitorados e orientados pelos profissionais que oferecem atitudes e metodologias adequadas para restabelecer vínculos satisfatórios. O trabalho feito dessa forma é benéfico para os idosos, pois promove o resgate instantâneo de condições psíquicas mais saudáveis, principalmente para os idosos que estejam vivendo regressivamente as questões de uma idade mais avançada.

O fato é que o grupo em que participam esses e outros mais é altamente salutar para todos. Muitos chegam à academia um pouco deprimidos e com os exercícios direcionados e o bom humor da turma aliado a palavras de incentivo por parte dos professores e dos próprios alunos saem de lá alegres e preparados para enfrentar o dia.

Ocasionalmente, o professor responsável pelo grupo dos idosos promove encontros com finalidade de irem assistir algum espetáculo, a um filme, jogos ao ar livre. Observamos que há uma preocupação em envolver os idosos em atividades sociais e interesses próprios (investimentos fora-do-Eu) para desse modo se munir de armas para elaborar a angústia frente à morte. Dessa maneira, o trabalho psíquico necessário para prevalecer a pulsão de vida sobre a pulsão de morte é infinitamente menor.

Entretanto, a principal preocupação de todos os idosos do grupo é ter uma vida saudável e uma sobrevida com qualidade. Logicamente existem limitações, como pressão arterial alta, dores nas articulações, etc., no entanto, eles vão driblando esses inconvenientes, fazendo dos exercícios um lazer. E todos vão sozinhos para a academia de ginástica com exceção do senhor A., que é conduzido pela esposa.

Essa atitude por parte da academia é um sinal de que há uma maior preocupação da sociedade com a terceira idade diferentemente de tempos atrás em que o idoso era visto como um estorvo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diversos fatores que contribuíram para a construção do conceito corpo têm início nos primórdios da civilização. No entanto, não está tão distante de nós a ideia de disciplinar o corpo, visando à saúde e vigor, o uso de espartilhos para moldar os corpos e a invenção da ginástica, que teria a função de treinar os músculos para o trabalho naquele contexto da transição do século XVIII para o XIX (CRESPO, 1990). Tudo está presente no cotidiano de nossas vidas, mas de uma forma diferente, isto é, contextualizada contemporaneamente.

Na contemporaneidade, além desses fatores, acrescenta-se a questão da longevidade que não ocorria naquele tempo, uma vez que a expectativa de vida era baixa e isto causa estranhamento, pois a sociedade ainda não assimilou totalmente este fenômeno existencial. Do ponto de vista de Brochsztain (1998), o idoso tem um papel pioneiro a cumprir: “construir em seu psiquismo, solitariamente, uma nova configuração subjetiva para esse novo fenômeno da longevidade e oferecê-la à sociedade”. A mesma autora chama a atenção para a urgência de se elaborar questões como a menopausa que era pouco estudada até a década de 80, pois as mulheres tinham em média uma vida bastante curta, não ultrapassavam os 40 anos e as que iam além desta idade sofriam com os sintomas da menopausa fazendo com que os que estavam ao seu redor ficassem atônitos sem entender suas reações, atribuindo-as a outras causas. Um exemplo disso é o caso de uma senhora, (hoje teria 90 anos) que estava no período da menopausa e nessa mesma época havia parado de fumar e os seus familiares julgavam que ela estava com os efeitos da crise de abstinência da nicotina. No entanto, era o somatório das duas crises.

Outra questão que surgiu no decorrer deste trabalho é a sexualidade dos idosos, pois engessados com uma educação repressora, encontram dificuldades de se adaptarem à idade avançada em relação a sua sexualidade. Fazendo uma analogia com a cultura do século XIX

em que havia a contenção de atitudes na qual amarraduras nos recém-nascidos e espartilhos nas mulheres faziam parte do costume da época, observamos que hoje a amarradura é outra: o que impera é o preconceito da sociedade como forma de contenção do livre exercício da sexualidade por parte dos idosos. Desse modo, pensamos que é preciso haver uma mudança de mentalidades a começar pela família que deve respeitar a sexualidade do idoso.

Neste contexto, trazendo o enfoque para o social, podemos analisar que a mulher e a criança possuem uma afinidade que não é natural, mas sim cultural. Ambas ocupam um lugar secundário na sociedade, consideradas como figuras frágeis. Por isso mesmo a semelhança da relação da mulher e da criança com o corpo reprimido – o bebê com seus cueiros e a mulher com o espartilho, por isso há facilidades de ambos se reconhecerem como sujeitos. Não é à toa que a mãe é o primeiro grande Outro.

Respondendo à questão primordial do nosso trabalho: Qual o lugar do idoso na sociedade contemporânea? O idoso está conquistando seu lugar de direito na sociedade contemporânea, pois atualmente, conta com direitos que o poder público lhe concedeu como vaga privativa para a terceira idade, atendimento preferencial em supermercados, lojas, bancos e instituições em geral, meia entrada para espetáculos, vacinação contra gripe, etc. Deve ser ressaltado que assim o idoso está sendo respeitado como sujeito de direitos.

Nas entrevistas informais e vivências relatadas, notamos que hoje a sociedade está sentindo a necessidade de se adaptar à terceira idade. Por exemplo, durante os exercícios com bicicleta ergométrica na academia de ginástica, o professor chamou a atenção para um fato peculiar: ele precisava lançar um dado sobre a idade de um idoso que tem hipertensão com a finalidade de controlar a intensidade do exercício no painel de comando da bicicleta, mas ela estava programada para ser usada por pessoas com idade inferior a 50 anos, portanto sendo impossível lançar a idade de 80 anos do idoso, praticante do exercício. Tal fato revela que não só a sociedade deve se adequar ao idoso, como também as fábricas devem fazê-lo.

Nas vivências com os idosos, percebemos que existe, sim, grande influência da cultura do narcisismo sobre o temor e até mesmo a rejeição de envelhecer como afirma Pitanga (2006), pois há uma crença cultural em perpetuar a juventude por parte de alguns idosos, ou seja, vestem roupas por demais juvenis ou aderem a estratégias que retardem o envelhecer, a exemplo de tratamentos que prometem abrandar os sinais da velhice. Seria uma forma de negar a própria morte?

Outra questão formulada no início do trabalho referente à influência da mídia sobre o idoso, a qual preconiza o mito da eterna juventude, é possível afirmar que a mídia exerce papel preponderante na imagem que o idoso construiu sobre si mesmo. Seu poder se dá por meio da ideologia da exterioridade e da aparência, onde o corpo tem um papel de destaque. Nas vivências pôde-se perceber um sentimento de inadequação corporal e uma busca incessante para alcançar o ideal de beleza atual em alguns idosos, os quais exibiram a preocupação com os sinais inscritos no corpo devido à passagem do tempo, tais como rugas, cabelos brancos, dores nas articulações, reflexos lentos, etc. Mas, existem pontos discordantes em relação a essa influência. A capacidade de escolha de muitos é uma delas. Não se sentem manipulados, pelo contrário, exercem sua autonomia, são críticos às mensagens, selecionando atitudes que beneficiam seu próprio corpo.

Foram identificadas durante a pesquisa, saudáveis relações dos idosos com suas experiências corporais. Os idosos do grupo que participaram das vivências dão importância ao binômio mente e corpo. Para eles não existe dissociação, uma vez que esta combinação lhes traz vida plena, funcionamento integral, ocasionando-lhes bem-estar. No entanto, se comparado aos nossos antepassados, continua existindo uma preocupação constante quanto ao controle do corpo e sua manutenção, por meio de uma frequência assídua à academia, só que o motivo agora é outro. O cuidado corporal está associado à qualidade de vida para os anos vindouros, tornar mais lenta a deterioração natural, dando mais valor à saúde através dos

meios e recursos disponíveis. Há que se ressaltar que estes meios são usados sob um rigoroso cuidado, levando em consideração suas escolhas pessoais e não como adesão aos apelos de consumo.

No percurso da história da humanidade desde as antigas sociedades até o momento atual, é notório observar que o preconceito está intimamente relacionado à diversidade, ao diferente. Guardadas as devidas contextualizações, o que não está de acordo com a ordem estabelecida, está sempre sujeito a toda sorte de equívocos e exclusões. Nesse contexto, embora o idoso tenha sido alienado por não se enquadrar nos parâmetros impostos pela sociedade contemporânea, foram constatadas experiências positivas entre os sujeitos das vivências, em relação ao corpo e à subjetividade. Elas apontam para uma direção mais otimista: ter um corpo saudável não é necessariamente ter um corpo perfeito. O interesse pela saúde, através de uma boa alimentação e busca por uma vida plena, integrada com equilíbrio, harmonia e autonomia permitindo assim, pensar e agir diferente, construindo a resignificação de sua vida.

Pelas entrevistas realizadas, percebemos que existe, também, um outro modo de ser e estar no mundo, um modo de ser que valoriza a autonomia, as diferenças, a diversidade de escolhas, a criatividade e a responsabilidade por atos e preferências.

Deve ser ressaltado que as conquistas do passado trouxeram contribuições para o presente, fato esse que tem promovido mudanças, que determinam novas formas de expressar a subjetividade, surgindo daí um novo jeito de ser, diferente dos anteriores e que permitem ao idoso se colocar melhor diante do existir.

Além de refletir sobre o passado, as pessoas da terceira idade precisam continuar ativas na busca de novos desafios para direcionar o seu desejo e a sua modalização de gozo. Devem priorizar as relações sociais que são uma válvula de escape e esperanças de vida plena. É imprescindível, também, que desenvolvam novas habilidades e interesses tais como



voltar a estudar para preservar a capacidade cognitiva, estudar línguas estrangeiras, realizar atividades físicas, etc.

Com relação à morte, em geral, na velhice, existe uma consciência mais vívida de que a morte é um acontecimento concreto e próximo e isso se expressa pela angústia existencial de quem está nessa fase da vida. Entretanto, se a pessoa estiver em paz consigo mesmo, o medo diante da morte é atenuado. Do contrário, se a pessoa não tiver esperança, acabará por se frustrar ao perceber que o tempo é curto para alcançar a realização. Devemos ter em mente a concepção de Heidegger sobre a morte: “A morte é uma possibilidade de ser que o Ser-aí deve assumir sempre por si mesmo [...] E a sua morte é a possibilidade de não-poder-mais-ser-aí [...]”. (HEIDEGGER, 1989, p. 58).

Outro aspecto a ser pensado é a questão da relação mente/corpo que parece continuar cindida até o final da vida, principalmente, para os grupos que não encontraram uma saída mais saudável, ou seja, por que ocorre de um grupo de idosos fragilizados no corpo, embora sejam lúcidos em contraste com um outro grupo de idosos onde a mente sucumbe e se fragiliza com memórias apagadas, mas com o corpo em perfeitas condições ...

Esta e outras questões levantadas neste trabalho oferecem elementos que impulsionam novos questionamentos, servindo desse modo como objeto de reflexão para novos estudos, por se tratar de um assunto inesgotável assim como a vida que está em constante movimento, gerando novos desafios.

\*\*\*

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. de C. A. **A travessia do corpo. O que a Psicanálise nos ensina?** Programa de Pós-graduação em Educação da UFJF. S/data. Disponível em: [www.ufjf.br/espacoeducacao/files/2009/.../cc010\\_2.pd...](http://www.ufjf.br/espacoeducacao/files/2009/.../cc010_2.pd...) Acesso em: 5 abr. 2013.

ANDRADE, C. D. de. **O corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. pp. 108,130.

BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BIANCHI, H. **O eu e o tempo: Psicanálise do tempo e do envelhecimento**. Tradução Jean M. J. Briant. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.

BIRMAN, J. **Estilo e modernidade em Psicanálise**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

BIRMAN, Joel. **O mal-estar na atualidade: a Psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

Brasil. [Estatuto do idoso (2003)]. **Estatuto do idoso: Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 e legislação correlata**. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 169 p. – (Série legislação ; n. 51) ISBN 978-85-736-5781-4

Brasil. Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994. **Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências** [texto na Internet]. Brasília; 1994. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8842.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8842.htm) Acesso em: 4 abr. 2013.

BROCHSZTAIN, C. O susto ao espelho: um estudo psicológico do envelhecer. **Revista Kairós Gerontologia**, ano 1- n.1, pp. 93-102. São Paulo, EDUC,1998

CESÍDIO, Mirella de Holanda; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Mal-estar e subjetividade**, v. VII - n. 2- p.451-478, Set. 2007. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2007.

CRESPO, Jorge. **A História do Corpo**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand Brasil, 1990.

CUKIERT, M. **Considerações sobre corpo e linguagem na clínica e na teoria lacaniana**. Psicologia USP, 2004, 15(1/2), 225-241 p. 226 Instituto de Psicologia –USP. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/pusp/v15n1-2/a22v1512.pdf](http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n1-2/a22v1512.pdf) Acesso em: 28 abr 2013.

CUKIERT, M.; PRISZKULNIK, L. Considerações sobre eu e o corpo em Lacan. **Estudos de Psicologia**, v. 7 n.1, 143-149, 2002. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/epsic/v7n1/10961.pdf](http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n1/10961.pdf) Acesso em: 3 mar 2013.

DAMASCENO, Maurício Henriques. A noção de não-consciente dos filósofos e o inconsciente freudiano. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 5, n. 1, mar. 2005. Disponível em<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151861482005000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482005000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 28 jul. 2013.

FREUD, S. (1898). A sexualidade na etiologia da neurose. In: S. Freud. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (J. Salomão, trad., Vol. III, pp. 249-270). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1905 [1904]). Sobre a psicoterapia. In: S. Freud. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (J. Salomão, trad., Vol. VII, pp. 243-254). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: S. Freud. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (J. Salomão, trad., Vol. XIV, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1917 [1916-17]). Teoria geral das neuroses. Conferência XVIII – Fixação em traumas – O inconsciente. In: S. Freud. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (J. Salomão, trad., Vol. XVI, pp. 413-431). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1917 [1916-17]). Teoria geral das neuroses. Conferência XXVI - A teoria da libido e o narcisismo. In: S. Freud. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (J. Salomão, trad., Vol. XVI, pp. 413-431). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1919). O estranho. In: S. Freud. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (J. Salomão, trad., Vol. XVII, pp. 235-269). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1925 [1924]) As resistências à Psicanálise. In: S. Freud. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (J. Salomão, trad., Vol. XIX, pp. 235-247). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29. ed. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 117-137.

GOLDFARB, D. C. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

GULLAR, F. **Toda poesia** (1950-1999). 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Parte I e II. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO de GEOGRAFIA e ESTATÍSTICA (IBGE). **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil: 2000**. Rio de Janeiro; 2002.

LACAN, J. (1972-1973). **Seminário, livro 20: mais ainda** / Le Seminaire de Jacques Lacan – Livre XX: Encore. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [versão brasileira de M. D. Magno]. 3. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário da Psicanálise** / Laplanche e Pontalis; sob a direção de Daniel Lagache; tradução Pedro Tamen. – 4. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEITE, M. P. de S. **A teoria dos gozos em Lacan**. Disponível em: antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id\_articulo... Acesso: 10 abr. 2013.

Literatura Comparada. **O mito de Narciso em: Oscar Wilde e Machado de Assis**. Disponível em: praelitteras.blogspot.com.br/2012/05/o-mito-de-narciso-em-oscar-wilde-e.html Acesso em: 16 abr. 2013.

MEIRELES, C. **Viagem: poesia - 1929-1937**. Lisboa: Ed. Império, 1939.

MENDES, E. D.; PRÓCHNO, C. C. S. C. **Corpo e novas formas de subjetividade**. Psyche: São Paulo. dez. 2004, v.8, n.14 p. 3, 4. Disponível em: <[http://pepsic.bvpspsi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S14151138200400020000lng=e&nrm=iso](http://pepsic.bvpspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14151138200400020000lng=e&nrm=iso)>.ISSN1415-1138. Acesso em: 22 mar. 2013.

Ministério da Saúde (BR), Programa Nacional de DST/AIDS. **A epidemia de AIDS no Brasil**. Bol Epidemiol AIDST [Internet]. 2009 [citado 2010 jul 27];6(1). Disponível em: [http://www.aids.gov.br/sites/default/files/publicacao/2009/boletim2009\\_final\\_pdf\\_24pdf](http://www.aids.gov.br/sites/default/files/publicacao/2009/boletim2009_final_pdf_24pdf). Acesso em: 4 abr. 2013.

MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F. N. N. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 19, n. 1, Mar.2008. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-)

65642008000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 fev. 2013.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642008000100009>

NASIO, J-D. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan.** / J.- D. Nasio; tradução, Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

NASIO, J-D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise.** / J.- D. Nasio; tradução, Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

NEGREIROS, T. C. de G. M. **Sexualidade e gênero no envelhecimento.** Alceu 2004; 5(9): 77-86. Disponível em: [revistaalceu.com.puc-rio.br/.../alceu\\_n9\\_negreiros.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/.../alceu_n9_negreiros.pdf) Acesso em: 30 mar. 2013.

NETTO, G. A. F. **Doze lições sobre Freud & Lacan.** 2. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores: 2011.

PARZEWSKI, C. C. F. **As relações entre o corpo, a subjetividade e a auto-imagem corporal na sociedade contemporânea: um Estudo com Universitários.** 2008. pp. 4, 68, 69, 79, 84 Tese de Doutorado (Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Franca, São Paulo. CDD – 152.384 Disponível em: [www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/.../celiaconceicao.pdf](http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/.../celiaconceicao.pdf) Acesso em: 10 mar. 2013.

PINHEIRO, T.; HERZOG, R. **Impasses na clínica psicanalítica: a invenção da subjetividade.** Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003. Disponível: [www.psicologia.ufrj.br/nepecc/files/impasses\\_na\\_clinica\\_psicanalitica.pdf](http://www.psicologia.ufrj.br/nepecc/files/impasses_na_clinica_psicanalitica.pdf) Acesso em: 27 abr. 2013

PITANGA, D. de A. **Velhice na cultura contemporânea.** Orientador: Zeferino de Jesus Barbosa Rocha. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco, 2006. Disponível em: [www.unicap.br/tede//tde\\_busca/arquivo.php ...?](http://www.unicap.br/tede//tde_busca/arquivo.php...?) Acesso em: 03 mar. 2013.

QUINET, A. L. de A. **Clínica da psicose**. 2. ed. Salvador: Fator, 1990. 120 p.

QUINET, A. L. de A. **Os outros em Lacan**. *Ebook* - Edição digital. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

QUINTANA, M. O velho no espelho. **Quintana de bolso** / Mario Quintana. p. 55 Porto Alegre: L&PM, 1997.

ROSA, J. G. **O grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROUDINESCO, E. **Dicionário de Psicanálise**. / Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTAELLA, L. **Corpo e Comunicação: Sintoma da Cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Nádia Maria Weber. **O corpo como objeto e fonte para produção de sentidos**. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, Sept. 2011 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010459702011000300021&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702011000300021&lng=en&nrm=iso)>. Acesso on 29 Jul 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S010459702011000300021>.

SCARTON, Raissa. **Corpos femininos em expressão de denúncia**. UNESP – Bauru: 2010. Disponível em: [www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/CorposFemininos\\_Scarton.pdf](http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/CorposFemininos_Scarton.pdf) Acesso em: 29 jul. 2013

SEVCENKO, N. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. Coordenação Laura de Mello e Souza, Lilia Moritz Schwarcz – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, A. M. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. **Cad. CEDES** [online].1999, v. 19, n. 48, p. 3, 8, 9, [citado20090901],pp.0729.Disponívelem:<[http://www.scielo.br.php?script=sci\\_arttex&pid=S](http://www.scielo.br.php?script=sci_arttex&pid=S)

0101-32621999000100002&lng=en&nrm=iso>.ISSN0101-3262. doi: 10.1590/S0101-32621999000100002. Acesso em: 23 mar. 2013.

TAVARES, M. M. S. e CARVALHO, V. S. **Estudo bibliográfico sobre a sexualidade do idoso na contemporaneidade.** Disponível: artigos.psicologado. com > ... > Sexualidade Publicado em: 03 /set/2012 Acesso em: 14 abr. 2013.

VIOLA, Sandra Maria Costa.. **Trabalho de luto e experiência analítica: transitoriedade e contingência.** Rio de Janeiro, 2008. 72p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: [www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/.../12061\\_1.PDF](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/.../12061_1.PDF) Acesso em: 15 mar. 2013 orientador: Marcus André Vieira.

\*\*\*